



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DAYANE CRISTINE STORCHI GERLACH

**ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: Os desafios dos professores da EMEIF Engº Francisco
Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

Itaituba - PA

2019

DAYANE CRISTINE STORCHI GERLACH

**ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: Os desafios dos professores da EMEIF Engº Francisco
Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

Itaituba - PA

2019

GERLACH, Dayane Cristine Storch.

ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Os desafios dos professores da EMEIF Engº Francisco Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA / Dayane Cristine Storch Gerlach – Itaituba: CLPP da FAI, 2019.

66 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2019.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Educação Infantil. 2. Acolhimento e Adaptação. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2019.

DAYANE CRISTINE STORCHI GERLACH

**ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: Os desafios dos professores da EMEIF Engº Francisco
Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Ma. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliadora: _____ Nota: _____
Profª Esp. Antonia Vanda dos Santos Leite

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 22 de fevereiro de 2019.

Em primeiro lugar a Deus; a minha família que sempre esteve me dando o apoio necessário para que eu pudesse chegar onde cheguei; e aos amigos que fiz durante este percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou até aqui, provendo o necessário para que eu pudesse concluir essa etapa tão importante da minha vida.

Agradeço a minha mãe, Odete, que foi quem me incentivou desde o início me apoiando quando necessário, não medindo esforços para me ajudar quando precisei.

A meu pai, Lauri, minha irmã, Ellen, meu sobrinho, Vinícius e meu cunhado, Ricardo, agradeço pelo carinho e apoio.

A minha amiga Milene, que está comigo em todos os momentos da minha vida. Agradeço pela sua amizade, e fico muito feliz por estarmos concluindo essa etapa da nossa vida juntas mais uma vez.

As minhas amigas Virginia, Cibele e Bilma, agradeço imensamente por esses quatros anos em que pudemos conviver e pelo apoio que me deram nos momentos em que mais precisei.

Agradeço também a mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, minha professora querida que me orientou durante a elaboração desse trabalho. Sua ajuda foi essencial.

A todos os funcionários da Faculdade de Itaituba – FAI.

E a todos os colaboradores dessa pesquisa, professores e todos os funcionários da EMEIEF Engenheiro Francisco Barros.

Por essa razão, tratar da infância, de sua presença na escola de forma compulsória, das condições de infraestrutura para acolher essa criança que chega mais cedo na escola, da forma como os municípios e as escolas estão se preparando para dar conta dessa nova demanda formativa, são desafios que necessitam ser enfrentados. (FRONER; SUDBRACK, 2017, p. 10).

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar os desafios dos profissionais da educação infantil quanto ao processo de adaptação e rotina das crianças. É fundamental compreender meios que facilitem esse momento, bem como a sua importância no desenvolvimento integral dos alunos dessa faixa etária no cotidiano escolar. Como procedimento metodológico efetuou-se uma pesquisa bibliográfica como forma de obtenção de informações à cerca do tema fundamentada em autores que abordam esta temática nas literaturas. Para a coleta de dados na pesquisa de campo, foi efetuada uma entrevista por meio de questionário para oito professoras atuantes na modalidade de Educação Infantil da escola EMEIEF Engenheiro Francisco Barros, com observações da prática no cotidiano dos profissionais e crianças. Através desse estudo, foi possível perceber que a adaptação é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança durante toda a sua vida escolar. Se feita de maneira inadequada pode acarretar uma série de problemas, interferindo entre outras coisas em suas relações interpessoais. Para que essa situação seja evitada, é necessário que os profissionais busquem métodos facilitadores que os auxiliem nos desafios encontrados nessa etapa.

Palavras-Chaves: Educação Infantil. Acolhimento e Adaptação de Crianças.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the challenges faced by children's education professionals regarding the process of adaptation and routine of children. It is fundamental to understand means that facilitate this moment, as well as its importance in the integral development of the students of this age group in the school routine. As a methodological procedure, a bibliographical research was carried out as a way of obtaining information about the theme based on authors who approach this topic in literature. For data collection in the field research, an interview was conducted through a questionnaire for eight teachers working in the Child Education modality of the EMEIEF Engenheiro Francisco Barros school, with observations of the practice in the daily life of professionals and children. Through this study, it was possible to perceive that the adaptation is of fundamental importance for the development of the child during all its school life. If done improperly can lead to a series of problems, interfering among other things in their interpersonal relationships. For this situation to be avoided, it is necessary for professionals to seek facilitating methods that will help them in the challenges encountered at this stage.

Keywords: Early Childhood Education. Reception and Adaptation of Childre.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Preferências das educadoras e descrição da turma.....	47
Quadro 2: Distribuição do tempo entre as atividades escolares.....	50
Quadro 3: Atividades lúdicas como opção didática metodológica.....	51
Quadro 4: Qual o objetivo da Educação Infantil.....	52
Quadro 5: A importância da rotina na adaptação escolar.....	53
Quadro 6: Atividade de socialização propostas.....	54
Quadro 7: Estratégias didáticas para facilitar a adaptação.....	55
Quadro 8: Participação em curso de capacitação.....	55
Quadro 9: Descrição da rotina em uma turma de Educação Infantil.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DA INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL....	12
1.1 A CRIANÇA E A INFÂNCIA: ASPECTOS HISTÓRICO-CONCEITUAIS.....	12
1.2 ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
1.3 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BNCC.....	21
1.4 O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
2 EDUCAÇÃO INFANTIL: ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO.....	29
2.1 O PROCESSO DE ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	29
2.2. A ROTINA COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
2.3 DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	37
2.4 O PAPEL DAS FAMÍLIAS.....	42
3 ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DA EMEIF ENGº FRANCISCO BARROS, DISTRITO DE CAMPO VERDE, ITAITUBA-PA.....	47
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA.....	48
3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	50
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	59
APÊNDICES.....	62

INTRODUÇÃO

É notável que os profissionais atuantes na Educação Infantil enfrentam diversos desafios no seu dia a dia com as crianças, um deles diz respeito ao processo de adaptação das mesmas no ambiente escolar por se um momento muito importante para suas vidas e desenvolvimento. O processo de adaptação das crianças nas instituições de Educação Infantil nem sempre é tarefa fácil, pois, para algumas crianças esse é o primeiro momento que se separam de suas famílias, o que torna esse processo doloroso. Assim, é necessário que família e todos os profissionais dos centros estejam empenhados e ajudem nesse primeiro contato das crianças com esse novo ambiente.

Por esse motivo, esse estudo teve por objetivo analisar os desafios dos profissionais da educação infantil quanto ao processo de adaptação e rotina das crianças. Desse modo, indaga-se se as escolas estão preparadas para acolher essas crianças, oferecendo estrutura adequada que atenda às necessidades dos pequenos, assim contribuindo para que a adaptação aconteça da maneira mais natural possível. Além disso, inteirar-se dos desafios enfrentados por todos os profissionais envolvidos nesse processo é fundamental para compreender essa questão e assim buscar soluções. Questionou-se também o perfil do profissional que tem grande influência nessa fase, pois, trata-se de uma situação delicada e que exige uma postura mais afetiva, que transmita confiança para as crianças.

Como procedimento metodológico, essa pesquisa utilizou-se de autores que tratam desse tema, afim de que fosse possível analisar o contexto da Educação Infantil desde os primórdios da sua criação até os dias atuais, suas atribuições, enfatizando a adaptação e os desafios dos profissionais, tais como Ariès (1981), Barbosa (2006), Brasil (2017), Ulbra (2008), Cavalcante e Silva (2012), Sebastiani (2009), assim como a legislação brasileira. Além disso, realizou-se uma pesquisa de campo, com o intuito de obter informações mais precisas sobre o tema estudado por meio de entrevistas com oito professoras atuantes na modalidade de Educação Infantil da escola EMEIEF Engenheiro Francisco Barros, com observações da prática no cotidiano dos profissionais e crianças.

Este trabalho está organizado em três capítulos, o primeiro faz uma abordagem da Educação Infantil, das concepções sobre a criança em cada época da sociedade e das suas mudanças ao longo do tempo, além disso discute o que está presente nas

leis brasileiras quanto aos seus direitos. Também foi mencionado a importância do lúdico nas salas de Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças.

O segundo capítulo discorre sobre o processo de acolhimento e adaptação das crianças, dificuldades encontradas, métodos a serem utilizados para facilitar esse momento, a importância da rotina e o papel das famílias, suas atribuições e importância. Por fim, no terceiro capítulo se encontra a análise dos dados e observações da pesquisa de campo realizada a respeito desse tema.

1 ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DA INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 A CRIANÇA E A INFÂNCIA: ASPECTOS HISTÓRICO-CONCEITUAIS

É notável que no decorrer dos últimos séculos os debates e a procura por mais conhecimentos a respeito da criança cresceram. O conceito de criança e o seu valor vem sendo objeto de estudo da sociologia, constatando que as ideias sobre a infância e o seu papel na sociedade variam conforme a época e o contexto social em que estão inseridas. (BAZÍLIO; KRAMER, 2011, p. 96).

Analisando o papel social da criança no decorrer da história é possível perceber como a ideologia de infância se modificou ao longo do tempo. Em *História Social da Criança e da Família*, Philippe Ariès traz uma série de fatos que demonstram que até o século XIX o sentimento de infância não existia. A criança era tratada como um adulto em miniatura. Ariès (1981, p. 50) conclui isso a partir de estudos a respeito das pinturas medievais e ainda afirma:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.

A partir disso, é possível observar que a criança não era representada como tal, o que a diferenciava dos adultos nas pinturas era apenas o seu tamanho mostrando que a sociedade naquela época não considerava a infância relevante a ponto de ser representada de maneira fiel.

Assim sendo, a criança não possuía um lugar singular na sociedade. Além das imagens que não os retratava da sua maneira real, as vestimentas também não eram adequadas às suas condições. Conforme afirma Ariès (1981, p. 69), “assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição”. De fato, na sociedade antiga, não se percebia a infância, ou seja, nenhum espaço separado do mundo adulto.

Nessa mesma linha de raciocínio, Zilberman (1987) *apud* Kirchof, Pereira e Souza (2013, p. 26) afirmam que, “As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, morte,

doença), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc”. Diante dessa realidade, as crianças dessa época não possuíam lugar na sociedade. Sua ingenuidade não era respeitada, de tal forma que desde cedo tinham contato com cenas, diálogos e vivências não adequadas para sua idade. O que agora nos parece anormal, na antiguidade era o costume.

Ainda segundo Ariès (1981, p. 231), essa ausência do sentimento de infância na sociedade antiga se dava pela falta de sentimento de família, uma vez que a mesma estava mais para uma realidade moral e social do que para sentimental. Isso não quer dizer que não havia amor entre pais e filhos, mas os pais não dedicavam tanto tempo às crianças. Nesse contexto, a família assumia um papel onde assegurava a transmissão de vida, dos bens, nomes e dos ofícios, e não possuía função afetiva.

Outro fator que influenciava na falta do sentimento da infância é a não preocupação com a escolarização das crianças. As crianças adquiriam conhecimento a partir da convivência com os adultos logo muito cedo.

A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo geral, a socialização da criança, não eram, portanto, nem asseguradas e nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. (IBIDEM, p. 10).

Assim, pode ser observado que a passagem da infância pela família e pela sociedade era de menor significância, não despertando o interesse dos adultos por maiores cuidados com esses pequenos. E caso ocorresse de uma criança falecer, o que era muito comum na época, os pais podiam ficar desolados, mas logo eram incentivados a não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria.

Esse cenário começou a mudar a partir do século XVII, quando moralistas e pensadores da época começaram a introduzir um sentimento mais particular sobre a infância. Os mesmos defendiam a ideia de estruturas escolares divididas por idade, o que até então não existia. A educação não era destinada ao público infantil como já foi citado.

Dessa forma, os conhecimentos acerca da Psicologia e a preocupação com esse público começou a surgir nesse período. Além disso, com forte influência da igreja católica, foi introduzido o pensamento de que os pais eram responsáveis

perante a Deus pelas almas das crianças. Notando que as crianças não estavam maduras para a vida, sendo necessário uma atenção especial à elas antes de serem introduzidas no meio social dos adultos. (ARIÈS, 1981, p. 188).

Essas transformações surgiram também pelo fato de que as famílias estavam ganhando um outro significado, deixando de ser apenas uma entidade social que não possuía como função central a afetividade.

A entidade designada como família moderna é um acontecimento do século das luzes. Os diferentes historiadores coincidem na afirmação de que foi ao redor de 1750 que se assistiu à complementação de um processo que principiou no final da Idade Média, com a decadência das linhagens e a desvalorização dos laços de parentesco, e culminou com a conformação de uma unidade familiar unicelular, amante da privacidade e voltada a preservação das ligações afetivas entre pais e filhos. (ZILBERMAN, 1987 *apud* KIRCHOF; PEREIRA; SOUZA, 2013, p. 27).

Com a modificação do sentimento familiar, a criança começa a ganhar uma atenção diferente, começando a surgir um sentimento de infância mais aproximado do que é conhecido nos dias atuais. A criança ainda não era um centro de todo o sistema familiar, mas já havia ganhado espaço. Conforme Ariès (1981, p. 270), “A criança tornou-se um elemento indispensável da vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro”.

As relações entre adultos e crianças estavam se modificando, fazendo com que um novo sentimento surgisse. A prática do cuidado com as crianças se tornava cada vez mais frequentes no interior das famílias. Segundo Kuhlmann (2010, p. 20) essa não seria um apenas um aspecto das novas práticas culturais, mas, “a verdadeira condição para a transmissão e o desenvolvimento de todos os outros elementos culturais, estabelecendo os limites do que se poderia esperar das demais esferas da história”.

Nos séculos seguintes, o sentimento de infância foi sendo reconhecido cada vez mais pelas famílias. De forma que a criança viria a ser o centro de toda a preocupação, e empenho em lhe proporcionar desenvolvimento, saúde e educação. Segundo Ariès (1981, p. 271), “a partir do século XVIII, e até os nossos dias, o sentimento de família modificou-se muito pouco. Ele permaneceu o mesmo que observamos nas burguesias rurais ou urbanas do século XVIII”. Assim, essa modificação no sentimento de infância se estendeu gradativamente às demais camadas sociais.

No Brasil, o sentimento de infância foi aparecendo durante o século XIX, pois até então não existia.

É importante ressaltar que a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois, desde o início, houve diferenciação entre as crianças, segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social. (FONTES, 2005 *apud* FROTA, 2007, p. 152).

Como se pode observar, as crianças pobres tinham sua vida marcada pelo trabalho e a exploração, viviam sem direitos, com condições de vida precária, e longe de ter acesso à educação, a saúde e a garantia do seu desenvolvimento. Além disso, o abuso, os maus tratos e a exploração sexual eram fatores presentes nessa época. Tudo isso acontecia sem que o Estado e a sociedade tomassem providências.

Segundo Andrade (2010, p. 52), “não muito diferente foi a história da criança negra escrava, iniciada no trabalho antes mesmo de completar sete anos de idade, enquanto a criança branca, da elite, estava destinada aos estudos”. É notável que a situação de vida das crianças mudava conforme sua classe social, sendo a pobre sem direitos e obrigada a trabalhar, e o rico com privilégios e estudo.

Essa situação perdurou por muitos anos, e na modernidade pode-se considerar que:

No Brasil moderno surgiu um termo que conceitua bem a criança desvalida: menor. Este termo foi inicialmente utilizado para designar uma faixa etária associada, pelo Código de Menores de 1927, às crianças pobres, passando a ter, posteriormente, uma conotação valorativa negativa. Metaforicamente, menores passaram a ser todos aqueles aos quais a sociedade atribuía um significado social negativo. Menores eram aquelas crianças e adolescentes pobres, pertencentes às famílias com uma estrutura diferente da convencional (patriarcal, com pai e mãe presentes, com pais trabalhadores, com uma boa estrutura financeira e emocional, dentre outros). Aquelas crianças caracterizaram-se como “menores” em situação de risco social, passíveis de tornarem-se marginais e, como marginais, colocarem em risco a si mesmas e à sociedade. Deste modo, tornou-se uma norma social atender à infância abandonada, pobre e desvalida, mas a partir de um olhar de superioridade, na tentativa de salvamento ou de “adestramento”. (ANDRADE, 2010, p. 150).

Dessa maneira, a criança pobre, denominada “menor”, era tida como um risco para a sociedade, sendo comparada a marginais. A Lei não a via como crianças, cidadãos de direitos, mas seres que estavam à margem da sociedade e apresentavam um certo perigo para a ordem pública. Nessa realidade, nascem mudanças nos anos 1980, onde surgem diversas iniciativas da sociedade em geral. Como afirmam Bazílio

e Kramer (2011, p. 25), “[...] pastorais, associações de moradores e outras entidades promoveram trabalhos com “menores” e criticaram duramente o modelo clássico de intervenção adotado pelo Estado”.

Além disso, em 1990, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o termo “menor” foi abolido, e a criança passou a ser reconhecido com um cidadão de direitos e deveres. Ainda conforme Andrade (2010, p. 150), “a criança volta a ocupar o seu lugar de um ser humano, de um sujeito construído historicamente, com direitos e deveres que devem ser exercidos hoje [...]”. Portanto, para se compreender o que se define por infância hoje, é preciso analisar todo o contexto histórico pelo qual esse conceito passou, uma vez que esse sentimento traz consigo diversas mudanças, que foram cruciais para entendermos a infância de hoje e tudo que ela possui.

1.2 ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil nem sempre foi vista pela sociedade como um processo importante na educação e na formação da criança pequena. Silva (2008, p.19) destaca a Educação Infantil em sua obra como, “uma das dimensões de um amplo processo de mobilização e de construção de imagens e de referências relativas à infância, às crianças, à mulher, à responsabilidade com os pequenos e aos direitos sociais”.

O surgimento da primeira escola para crianças é datado do ano de 1767, fundada pelo pastor protestante Jean Frederick Oberlin, no Leste da França. Sua esposa, Madeleine Oberlin era responsável pela escola que tinha como objetivo principal o ensino de trabalhos manuais, jogos e exercícios. A escola de Oberlin ficou conhecida como a “escola do tricô” pois, as crianças formavam um círculo em volta da professora que fazia tricô enquanto conversava com elas. A medida que essas crianças cresciam, passavam a auxiliar a professora com as crianças menores.

Em 1816, na Escócia, Robert Owen fundou uma escola infantil influenciado pelas ideias de Johann Heinrich Pestalozzi e Jean-Jacques Rousseau, assim criou escolas e uma creche para as famílias que trabalhavam em seu moinho, proibindo que as crianças pequenas trabalhassem. O objetivo da escola de Owen, era que as crianças pudessem estar ao ar livre, dançassem, cantassem e que lhes fossem ensinados apenas “o que pudessem aprender”. Os professores dessa escola tinham

por função ensinar às crianças bons hábitos e ajudá-las a se tratarem gentilmente. (ULBRA, 2008, p.18).

Em 1873, Friedrich Froebel, criou na Alemanha, o Jardim-de-Infância. Froebel era idealizador de uma série de atividades para as crianças, e essa escola era baseada na filosofia de unidade entre o homem, Deus e a natureza. Em seu jardim de infância as crianças tinham a oportunidade de expressar seus dons artísticos, por meio de recortes de papel, pintura e modelagem com argila. O ato de brincar era valorizado e visto como atividade livre e espontânea da criança. Para Froebel, “a educação da criança pequena deveria ser baseada na ação, no jogo e no trabalho”. (IBIDEM, p. 20).

Já no início do século XX, a partir de suas experiências em clínicas de saúde para crianças pobres da Inglaterra, Margaret MacMillan criou a escola maternal. Essa escola atendia crianças de 3 a 4 anos e tinha como objetivo ensiná-las o cuidado com o próprio corpo, com plantas e animais. Dessa forma, as crianças eram banhadas, alimentadas e era propiciado seu descanso. Além disso, a escola maternal “pretendia que as crianças desenvolvessem seus sentidos por meio de atividades com música e ritmo, linguagem, cores e formas”. (IBIDEM, p. 21).

Também em 1844, foi criada em Paris a primeira creche, porém sem a finalidade de atender às necessidades educacionais das crianças. Essa creche foi criada com o objetivo de atender as necessidades das mulheres trabalhadoras da época, pois com a revolução industrial que ocorria, as mulheres estavam sendo inseridas no mercado de trabalho e havia a necessidade de um local apropriado para o cuidado das crianças. Dessa maneira, as creches possuíam um caráter assistencialista.

Contribuindo neste contexto histórico, Paschoal e Machado (2009, p. 80) afirmam que,

As primeiras instituições na Europa e Estados Unidos tinham como objetivo cuidar e proteger as crianças enquanto as mães saíam para o trabalho. Desta maneira, sua origem e expansão como instituição de cuidados à criança estão associados à transformação da família, para nuclear.

Portanto, as creches nesse período tinham por função o cuidado, a custódia e a higiene das crianças para que as mães pudessem trabalhar não possuindo finalidade educacional.

Até meados do século XIX, o atendimento a crianças pequenas no Brasil praticamente não existia. As crianças que viviam na zona rural geralmente eram criadas e cuidadas por famílias de fazendeiros que assumiam a responsabilidade da criação de crianças abandonadas e órfãs. Já as crianças que viviam na zona urbana, eram colocadas nas “rodas de expostos”, nas Santas Casas de Misericórdia do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Essa realidade se modificou um pouco no final do século XIX, com a abolição da escravidão, muitas famílias migraram para a cidade em busca de melhoria de vida. Após a proclamação da república foram iniciados movimentos de proteção à infância, com o objetivo de combater o alto índice de mortalidade infantil. Assim, um grande número de creches foi criado, mas exclusivamente por organizações filantrópicas. Essas creches ainda não possuíam função educacional, somente assistencialista. (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 89).

Na segunda metade do século XX, as mulheres ganhavam cada vez mais espaço no mercado de trabalho, e a demanda de mão-de-obra feminina crescia gradativamente, isso fazia com que a procura por creches também aumentasse, mas agora, não só por mães operárias e domésticas, mas também por trabalhadores do comércio e funcionários públicos.

Segundo Silva (2008, p. 69), “a década de 1970 significou, no Brasil, um período de gestação de importantes mudanças no que se refere às concepções a respeito da infância e de sua educação”. Foi justamente nesse período que surgiram vários discursos baseados em estudos médicos e psicológicos que defendiam um padrão educacional que garantisse o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Porém, os discursos de educação assistencialista continuavam para os filhos dos operários. Paralelo a esse conceito estava a ideia de educação que desenvolvesse o cognitivo para as crianças da classe média. (ULBRA, 2008, p. 27).

Mas foi só na década de 80, que o direito à educação nas creches e pré-escolas foi assegurado para todas as crianças. Os movimentos sociais existentes na época lutaram pela democratização da escola pública. Segundo Paschoal e Machado (2009, p. 85) “do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido”.

Nessa abordagem Cordioli (2014, p. 112) contribui afirmando que,

A Constituição Federal (CF) promulgada em 1988 foi elaborada num clima de abertura democrática, com ampla participação popular em decorrência dos movimentos sociais que promoveram a redemocratização do país. No campo da educação, em particular, foi intensa a participação de sindicatos dos profissionais da educação. No entanto, a educação era bandeira de diversos outros movimentos sociais, como os de moradia, de trabalhadores rurais, de sindicalistas urbanos etc.

Assim, a Constituição de 1988 deu início às transformações na garantia dos direitos de todas as crianças a uma educação gratuita, não só como um ambiente de cuidados, mas também de promoção da educação e desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças de todas as classes sociais. Como citado, essa conquista foi a soma de muitas lutas, e a participação de vários agentes da sociedade, principalmente os movimentos sociais e das mulheres.

Dessa forma, em seu Artigo 205, a Constituição Federal estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, e que deve ser de responsabilidade também da sociedade, “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988), dando início assim, a garantia direito de todos a uma educação igualitária.

Quanto ao reconhecimento da educação em creches e pré-escola como um direito da criança e dever do Estado a Constituição em seu artigo 208 diz que: “O dever do estado do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade [...]”. (BRASIL, 1988). Por outro lado, em 1990 houve a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que concretizou os direitos das crianças promulgados pela Constituição.

Segundo Bazílio e Kramer (2011, p. 27),

Imediatamente após o término dos trabalhos de redação da Constituição (1988), o Estatuto da Criança e do adolescente – Lei Complementar nº 8.069/90 – é debatido, escrito e promulgado em clima de campanha cívica. Tratava-se de reunir todas as vozes que, num coro organizado, se opusessem aos setores mais conservadores da sociedade que, ou estavam alinhados ao antigo Código de Menores de 1979 ou ainda, defendiam propostas obscurantistas como, por exemplo, a redução da idade penal. Vitorioso, o movimento que culminou com o ECA regulou os princípios básicos que instituem os direitos e descrevem os deveres de todos os personagens envolvidos nessa política.

O ECA nesse contexto, vem a ser um conjunto de normas que garantem à criança e ao adolescente o acesso aos seus direitos como cidadãos. Tem o objetivo de garantir a integridade física e moral e o acesso, entre outras coisas, à saúde e a educação (BRASIL, 1990). Conforme seu Artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, ECA, 1990).

Faz-se necessário que toda a sociedade esteja empenhada em garantir a efetuação desses direitos de todas as crianças, e ainda comprometida em cobrar do Estado a efetuação e o cumprimento dessa Lei, a fim de que garanta à todas as crianças o acesso a uma vida justa, gozando de direitos e deveres.

Além disso, em 1996 foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que reconhece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, e direito de todas as crianças (BRASIL, 1996). Conforme Artigo 29 da LDB: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Com isso, é possível concluir que todas essas leis e normas foram e são de fundamental importância para que a Educação Infantil se tornasse o que é hoje. Além disso, modificaram também a situação das crianças, que até então não possuíam seus direitos reconhecidos e sua educação assegurada.

Nos dias atuais, a Educação Infantil é indispensável à sociedade, devido ao aumento cada vez mais crescente da atuação da mulher no mercado de trabalho, e as novas organizações familiares. Por isso, a criança vem ganhando novos olhares e consequentemente, a educação passa a se organizar de modo diferente para atender aos novos objetivos. De fato, a educação Infantil deve promover “segurança, acolhimento, lugar para emoção, desenvolvimento das habilidades sociais, instigar curiosidades, o desafio e promover oportunidade de investigação sem deixar de lado o domínio do espaço e do corpo”. (ULBRA, 2008, p. 35).

Apesar de todas essas mudanças no decorrer da história, ainda há muito o que melhorar nessa etapa de ensino que é a Educação Infantil. O que se faz necessário diante desse grande desafio, é que ela seja não só reconhecida e assegurada pelas

leis do nosso país, mas também pela sociedade como um todo. E todos os brasileiros se comprometam realmente com a assegurarão do direito das crianças. Só assim, vai ser possível ofertar uma educação de qualidade a todos.

1.3 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BNCC

Como primeira etapa da Educação Básica a Educação Infantil está definida na Base Nacional Curricular Comum – BNCC, como início e o fundamento do processo educacional. Compreende-se que a Educação Infantil constitui papel fundamental na formação das crianças, e produz vivências que são indispensáveis para a aprendizagem e produção de conhecimentos. Dessa forma, as creches e pré-escolas possuem o objetivo de “ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar” (BRASIL, 2017, p. 34).

Assim, a BNCC compreende que as crianças em idade da Educação Infantil, que abrange do zero aos cinco anos, possuem seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser assegurados para que tenha condições de aprender e se constituir ao longo da sua formação. São eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Segundo a BNCC os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram na Educação Infantil,

[...] as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. (BRASIL, 2017, p. 35).

Dessa forma, é preciso que haja intencionalidade educativa em todas as ações praticadas nos Centros de Educação Infantil, de modo que garanta às crianças o acesso a esses direitos exigidos pela BNCC. A garantia desses direitos é fundamental, pois possuem a finalidade de desenvolver a criança como um todo, sendo garantido o seu desempenho cognitivo, ético, moral, psicomotor, social, e individual.

Os direitos prescritos na BNCC possuem finalidades específicas, que são de suma importância para o desenvolvimento dos educandos. O primeiro deles, assegura o direito das crianças de conviver com crianças e adultos, de modo que tenha contato

com diferentes linguagens, aprendendo a importância de respeitar as diferenças que cada indivíduo possui.

O segundo assegura o direito das crianças ao brincar, de diferentes formas, explorando e instigando a sua imaginação. Dessa maneira, a brincadeira deve acontecer com crianças e adultos, em grupo ou individual. Assim, as crianças terão oportunidade de obter conhecimentos diferenciados de si e do outro através das brincadeiras. Além disso, será instigada a tomar decisões, referentes a escolha de brinquedos e ambiente, o que lhe agregará conhecimento sobre diversas linguagens produzindo conhecimento.

Já o terceiro direito assegura às crianças a participação em sala de aula, nas atividades cotidianas, seja nas decisões referentes a brincadeiras, aos materiais e ao ambiente. Dessa maneira, a criança desenvolve suas qualidades de bom cidadão, e se prepara para futuramente participar das decisões da sociedade. Além disso, a BNCC assegura às crianças o direito de explorar. Isso quer dizer que os mesmos terão oportunidades diversas de explorar movimentos, gestos, sons, cores, formas, texturas, vivências, culturas, objetos, conhecimentos, seja dentro ou fora da escola, garantindo uma gama de conhecimentos e aprendizagens às crianças.

Ainda sobre os direitos contidos na BNCC, as crianças terão oportunidade de se expressar, e ser provocado a isso. Se expressar como sujeito, por meio do diálogo, de gestos, sons, ou seja, por meio de diferentes linguagens, podendo expressar seus sentimentos, emoções, dúvidas, descobertas, opiniões e questionamentos. E por fim, está assegurado na BNCC o direito das crianças de conhecer-se, construindo sua identidade pessoal. A partir do conhecimento próprio a criança poderá identificar seus gostos, preferências e construir uma imagem positiva de si mesmo. (BRASIL, 2017, p. 36).

Desse modo, o objetivo da divulgação desses direitos da criança pela BNCC é que a partir desses conhecimentos, as crianças entendam conceitos básicos da convivência em sociedade, sobre si e sobre as diversas linguagens que ela possui. Dessa maneira, a BNCC estrutura cinco campos de experiências que possuem objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Segundo a BNCC, “Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural”. (BRASIL, 2017, p. 38).

Esses campos de experiências são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017, p. 25). Com essas experiências é possível que a criança se desenvolva em todos os aspectos da sua vida, e com isso se torna um indivíduo capaz de atuar de forma ativa na sociedade, bem como garantir que as demais etapas da escolarização sejam facilitadas e realizadas com êxito.

A partir disso, a BNCC formulou os objetivos de aprendizagem da Educação Infantil, separando-os por grupos de acordo com a faixa etária:

Reconhecendo as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária, que correspondem, aproximadamente, às possibilidades de aprendizagem e às características do desenvolvimento das crianças, [...]. Todavia, esses grupos não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica. (IBIDEM, p. 42).

Assim, os objetivos de cada campo de experiências refletem os seis direitos que são assegurados pela BNCC. Dessa maneira é garantido que as crianças tenham aprendizagens significativas para a sua formação integral, o que possibilita novos aprendizados e novas vivências, adquirindo conhecimentos cruciais para seu desenvolvimento nas demais etapas da sua formação educacional.

Dessa maneira, a BNCC surge como uma ferramenta que tem como objetivo garantir que todos os estudantes do Brasil tenham acesso aos mesmos aprendizados, e propõe que as fragmentações de conhecimentos sejam acabadas. Com isso, pretende dar sentido ao que se aprende em sala de aula, de modo que as experiências vivenciadas nas salas de aula ajudem a formar cidadãos preparados para conviver e a atuar na sociedade.

1.4 O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O lúdico na Educação Infantil é um recurso metodológico muito utilizado e fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Através da utilização do lúdico é possível fazer com que a criança aprenda brincando, o que auxilia no seu desenvolvimento cognitivo, social, psicomotor, e facilitando a sua aprendizagem.

Dessa maneira, é desenvolvido o conhecimento das crianças, de forma que a aprendizagem se torne mais prazerosa.

Rau (2011, p. 31) afirma que a ludicidade se define

[...] pelas ações do brincar que são organizadas em três eixos: o jogo, o brinquedo e a brincadeira. Ensinar por meio da ludicidade é considerar que a brincadeira faz parte da vida do ser humano e que, por isso, traz referenciais da própria vida do sujeito.

Dessa forma, esses três eixos que a autora cita, devem ser explorados de várias formas, aproveitando o que cada um pode oferecer na aprendizagem das crianças. Vale ressaltar que os primeiros indícios de utilização do lúdico na aprendizagem surgiram na Roma e na Grécia. Segundo Kishimoto, (2008) *apud* Rau (2011, p. 32), a utilização acontecia “quando havia a produção de doces em forma de letras destinados ao aprendizado das letras”. Dessa maneira, o lúdico era introduzido na vida das crianças como forma de aprendizagem.

Nesse contexto, a utilização do lúdico foi se aperfeiçoando nas escolas, hoje é fator indispensável, atua como um método facilitador do ensino-aprendizagem. É por meio do lúdico que se desenvolve o prazer em aprender, pois através dos jogos e brincadeiras é permitida a criança o seu desenvolvimento, tanto cognitivo como social.

Inicialmente, é necessário entender que o termo lúdico remete às ações do brincar que se manifestam por toda existência humana, apresentando então características de lazer e manifestando-se como uma forma de expressão da evolução humana. Isso porque os jogos e as brincadeiras se modificam de geração para geração, refletindo as transformações sociais. Acrescentemos que o lúdico se manifesta por meio do jogo, do brinquedo e da brincadeira, termos que, conceitualmente, apresentam diferenças. (RAU, 2011, p. 47).

Compreende-se que as brincadeiras se modificam e variam conforme a época e contexto de cada sociedade, mas o que não muda é a importância do brincar no cotidiano das crianças. Entende-se por lúdico as ações desenvolvidas por meio dos jogos, do brinquedo e da brincadeira, porém cada um se faz distinto, possuindo suas próprias características, mas todos com a finalidade de facilitar o aprendizado das crianças.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI afirma que “no ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar, as crianças recriam e repensam

os acontecimentos que lhes deram origem, [...]”. (BRASIL, 1998, p. 27). O brincar desperta a imaginação da criança, transformando a sua realidade. E é por meio dele que o aprendizado se manifesta fazendo com que haja um interesse maior em aprender.

[...] Brincar é um dos meios de realizar e agir no mundo, não unicamente para as crianças se preparem para ele, mas, usando-o como um recurso comunicativo, para participarem da vida quotidiana pelas versões da realidade que são feitas na interação social, dando significado às ações. Brincar é parte integrante da vida social e é um processo interpretativo com uma textura complexa, onde fazer realidade requer negociações do significado, conduzidas pelo corpo e pela linguagem. (FERREIRA, 2004 *apud* LUZ, 2008, p. 65).

Nesse contexto, o brincar é ação que faz parte da realidade humana, de forma que atua como um processo auxiliador. A fantasia desenvolvida pela criança no ato da brincadeira a prepara para as situações adversas que vai encontrar ao longo da vida. Desperta sua criatividade e capacidade de ver o mundo de outra maneira. Logo, é preciso que se estimule a criatividade das crianças, e para isso nada melhor que o ato de brincar.

Dessa forma, se faz necessário que os professores busquem resgatar brincadeiras tradicionais como: amarelinha, pião, queimada. Brincadeiras essas que vem sendo esquecidas, mas que estimulam nas crianças as diferentes formas de relações sociais e o prazer de brincar. Conforme Rau (2011, p. 51), “a perspectiva desses tipos de brincadeiras remonta à ideia do brincar por prazer, do brincar afetivo que constitui as relações de amizade, de família, mesmo em grupos em que as crianças tenham culturas e costumes diferentes”, fazendo com que haja interação das crianças em sala de aula.

Outra ação lúdica ocorre por meio dos jogos, que quando utilizados de maneira correta, atuam também como agentes facilitadores da aprendizagem na Educação Infantil. Segundo Rau (2001, p. 67) “durante o jogo ocorrem estímulos, obstáculos e motivações, momento em que a criança antecipa resultados, simboliza ou faz de conta, analisa possibilidades, cria hipóteses e com esse processo constrói o saber”. É notável que através dos jogos pode-se trabalhar questões de insegurança da criança, que a impedem de se socializar com os demais, dessa maneira é permitido ao professor criar situações favoráveis à socialização dessas crianças por meio dos jogos.

No jogo, o indivíduo pode revelar seus sentimentos, seus bloqueios e suas frustrações. O resultado desse tipo de atividade é que a criança vai adquirir, pouco a pouco, autoconfiança e melhor conhecimento de suas possibilidades e limites, com frequência impostos pela presença de outra criança com quem ela pode aprender a cooperar durante o jogo. (RAU, 2011, p. 82).

Com efeito, os jogos estimulam a autonomia e a socialização, estreitando as relações entre as crianças, e as preparando para o mundo. Além disso, a aprendizagem dos conteúdos é facilitada, o que incentiva as crianças e desperta a vontade de aprender cada vez mais, se tornando uma atividade prazerosa.

O RCNEI também menciona os jogos como ferramenta importante na aquisição de conhecimento das crianças: “[...] os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como [...] jogos de tabuleiro, jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica.” (BRASIL, 1998, p. 28). De fato, o lúdico é definido como um recurso que permite ao educador diagnosticar o processo de aprendizagem de cada educando.

A partir das observações feitas durante as brincadeiras e os jogos, o professor pode constatar as dificuldades e facilidades do aluno quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e social. O professor deve conhecer a realidade de cada aluno, os seus interesses, necessidades, comportamentos, dificuldades e facilidades. Dessa forma, é possível trabalhar a necessidade de cada aluno de maneira específica e correta.

Porém, muitas escolas não possuem materiais lúdicos, o que dificulta o trabalho do professor, pois nessas horas, o mesmo deve recorrer a criatividade e elaborar brinquedos e jogos com materiais reciclados, por exemplo. Além disso, os jogos e brincadeiras espontâneas podem ser utilizadas, o que também irá contribuir no desenvolvimento da criatividade das crianças. Rau (2011, p. 105) reconhece as atividades espontâneas como: “um meio facilitador da expressão da autonomia, da criatividade, da experimentação, da pesquisa e de aprendizagens específicas”. Corroborando com este pensamento Kuhnen *et al* (2011, p. 113) diz que:

A inserção do brincar livre e espontâneo no currículo educacional e, conseqüentemente, nos projetos pedagógicos das instituições educativas, é um processo de transformação política e social em que crianças passam a serem vistas como cidadãs, cada uma como sujeito histórico e sociopolítico, que participa e transforma a realidade em que vive.

Assim compreende-se a importância da brincadeira livre e espontânea na vida das crianças. Essas atividades devem ser valorizadas pelos professores de modo que tornem as crianças independentes. Isso faz com que a criança crie autoconfiança, deixando-a livre para que decida por aquilo que a faz se sentir melhor, no entanto, os professores devem estar sempre observando, e interferindo nessas atividades quando necessário.

Por outro lado, percebe-se que nos dias atuais, muitas crianças não têm contato com essas brincadeiras e jogos tradicionais tão importantes. É comum que no cotidiano das crianças estejam cada vez mais inseridos os meios eletrônicos, e com isso essas atividades estão sendo esquecidas. É válido ressaltar que a falta das brincadeiras e jogos tradicionais na vida das crianças podem acarretar dificuldades motoras, afetivas e sociais na vida das crianças. Por isso, é importante que o lúdico esteja presente nas escolas, sendo utilizado como metodologia. (RAU, 2011, p. 67).

No entanto não pode ser negado que o uso das tecnologias também possui o seu lado positivo, como afirma a autora anteriormente citada: “[...] os aspectos positivos dos jogos eletrônicos não devem ser negados, pois possibilitam uma gama maior de acesso a informações que trazem acontecimentos importantes no mundo inteiro” (IBIDEM, p. 168). Nessa perspectiva, é necessário que haja a mediação de um adulto, e que haja um cuidado com o tipo de jogo que essa criança terá acesso.

Outro suporte lúdico a ser utilizado nas escolas são os brinquedos, item que serve como suporte para as brincadeiras, que auxilia a imaginação das crianças, segundo o RCNEI:

Os brinquedos constituem-se, entre outros, em objetos privilegiados da educação das crianças. São objetos que dão suporte ao brincar e podem ser das mais diversas origens materiais, formas, texturas, tamanho e cor. Podem ser comprados ou fabricados pelos professores e pelas próprias crianças; podem também ter vida curta, quando inventados e confeccionados pelas crianças em determinada brincadeira e durar várias gerações, quando transmitidos de pai para filho. Nessa perspectiva, as instituições devem integrá-los ao acervo de materiais existentes nas salas, prevendo critérios de escolha, seleção e aquisição de acordo com a faixa etária atendida e os diferentes projetos desenvolvidos na instituição. (BRASIL, 1998, p. 71).

Os brinquedos possuem papel importante no desenvolvimento do lúdico. Assim como os demais recursos lúdicos ele aguça a imaginação das crianças no desenvolvimento das brincadeiras. Com o brinquedo, as crianças podem aprender a

ter mais responsabilidade, a ter cuidado com os objetos e a dividir, sendo mais uma vez trabalhado a questão de sociabilidade das crianças.

Conclui-se então, que o lúdico possui papel fundamental no cotidiano escolar, pois, é por meio dele que é facilitado o desenvolvimento das crianças. É brincando que as crianças aprendem, e isso as torna mais independentes e felizes. Dessa forma, o lúdico deve ser levado a sério na escola, pois sua finalidade é contribuir no processo de aprendizagem das crianças de forma prazerosa.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL: ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO

2.1 O PROCESSO DE ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS

O processo de adaptação das crianças nas instituições de Educação Infantil nem sempre é tarefa fácil, pois, para algumas crianças esse é o primeiro momento que se separam de suas famílias, o que torna esse processo doloroso. Dessa maneira é necessário que família e todos os profissionais dos centros estejam empenhados e ajudem nesse primeiro contato das crianças com esse novo ambiente.

A etapa de inserção da criança na creche/pré-escola é um momento delicado, em que a criança, a família e o educador buscam estratégias para o enfrentamento da nova situação de forma tranquila, objetivando o fortalecimento do vínculo entre eles e a ampliação da rede de relacionamentos da criança em um novo ambiente social. (ULBRA, 2008, p. 82).

Assim, as duas instituições devem trabalhar em conjunto, objetivando que esse processo aconteça da melhor forma. Com isso, não só as crianças, mas também os pais se sentirão confortáveis e confiantes com essa nova fase. Em meio a essa nova situação as crianças podem apresentar comportamentos variados, como: alterações de apetite, podem adoecer, isolar-se dos demais, e criar dependência de um brinquedo, chupeta ou paninho. No entanto as Instituições de Educação Infantil “devem ter flexibilidade diante dessas singularidades ajudando os pais e as crianças nestes momentos” (BRASIL, 1998, p. 80).

Por isso, é importante que haja sempre o diálogo entre escola e família, de modo que o bem-estar da criança seja priorizado. Para evitar que a inserção aconteça de maneira traumática, refletindo assim no futuro da criança.

A acolhida à criança e às famílias deve se pautar na escuta sensível a esses sujeitos com o objetivo de informar as instituições quanto a possíveis necessidades de reorganização de tempos, espaços e relações, no intuito de melhor atender às expectativas e necessidades dos sujeitos que ocorrem à instituição. (BRASIL, 2009, p. 31).

Portanto, os centros de Educação Infantil devem atender as necessidades de todas as crianças que estão ali inseridas, levando em conta a identidade própria, costumes e cultura que cada criança traz consigo. Assim, procurando reorganizar e

adequar os espaços sempre que necessário para melhor atender as crianças. Corroborando com esse pensamento, Carvalho e Ortiz (2012, p. 47) afirmam que:

Das relações em uma instituição de educação, enfatizamos a importância do momento de separação de uma criança que “parte para o mundo”, deixando para trás suas primeiras relações, e a necessidade de se construir um trabalho integrado, em equipe, dando o devido valor à bagagem individual de cada um. O espaço é coletivo, mas o momento é individual para cada criança. Cada um tem seu modo de enfrentar a novidade, de reagir.

Desse modo, enquanto algumas crianças não querem soltar suas mães, com receio do novo ambiente e da nova situação, outras crianças facilmente se integram ao local e logo interagem com o espaço e as novas pessoas ali presentes. Cada criança possui sua particularidade e o seu jeito de agir, de se adaptar às coisas novas e o seu tempo, e isso deve ser respeitado.

Nesse aspecto, compreende-se que “o conceito-chave no planejamento da inserção deve ser a noção de flexibilidade que permite aos profissionais responderem a variações culturais familiares” (ULBRA, 2008, p. 81). Isso remete às situações onde os pais estão acompanhando as crianças nos seus primeiros dias no Centro, o que é de suma importância. Por isso é necessário que o professor flexibilize os horários em que os pais acompanharão seus filhos, de modo que facilite a vida de ambos, em prol da criança.

Além disso, é necessário que haja sempre o diálogo entre professor e pais, mesmo que não aconteça de maneira formal, é importante que haja sempre conversas, que farão os profissionais conhecerem melhor cada criança e suas especificidades. E com essa troca de informações, aperfeiçoar o convívio dessa criança em sala de aula.

É importante também que os pais tenham conhecimento da maneira que a criança age quando ele não está por perto, como também das atividades que a mesma está produzindo e a maneira com que ela se comunica e socializa com as demais crianças. Isso de certa maneira os confortará e tranquilizará. (BRASIL, p. 78).

Dessa maneira, para que o processo de inserção aconteça de uma melhor forma, o professor deve procurar criar vínculos de companheirismo e amizade com a criança, sempre buscando compreender a situação pela qual ela está passando. Sendo assim, é importante acolhe-las, fazendo com que sua adaptação seja o menos dolorosa e demorada possível, “usando da paciência, compreensão e carinho que lhes

podem oferecer, mas lembrando que sempre o tempo da criança deve ser respeitado” (ANDRADE, 2016, p. 17).

De tal modo, o professor tem por função planejar, organizar e pensar, em meios que acolham as crianças, de maneira que facilite a sua inserção, como por exemplo a organização dos espaços, o que é de fundamental importância nesse processo.

O ambiente da creche oferece mensagens que tanto os adultos quanto as crianças são capazes de interpretar. É necessário que a entrada da creche e a entrada das salas de aula transmitam às crianças e às famílias, que são esperadas e bem-vindas, informações do que acontece na sala de aula, como os grupos estão se organizando e o que tem feito juntos. (ULBRA, 2008, p. 83).

Por isso, é tão importante que haja o diálogo e a parceria entre família e professor, de modo que as conversas criam vínculos, que refletem na qualidade da aprendizagem da criança, bem como facilita o seu processo de adaptação no meio escolar. Diálogos esses que permitem que a família esteja ciente do que acontece com seu filho na sala de aula, e como o mesmo se comporta e se desenvolve.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI afirma que “o professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças” (BRASIL, 1998, p. 82). Além disso, é importante oferecer às crianças atividades atrativas, incentivando-as a participar.

Planejar essas atividades com antecedência e organizar o ambiente com objetos que podem ser utilizados por elas é outro fator que ajuda bastante nos primeiros dias de adaptação. Atividades como pintura, desenhos livres, modelagem e brinquedos são estratégias que distraem a criança, também as auxiliando a se interagirem com o ambiente bem como com o professor e as demais crianças.

Nesse aspecto, Magalhães *et al* (2017, p. 222) afirmam que:

Para tudo isso, acolhemos o conhecimento que a criança traz da sua experiência cotidiana e o ampliamos, inserindo a criança no seio da cultura elaborada; apresentamos aquilo que a criança não conhece de modo a criar nela novas necessidades de conhecimento e de expressão. Para isso, nosso trabalho deve se voltar para: educar os sentidos das crianças de forma que estas aprendam a gostar de ouvir música, cantar, dançar, desenhar, pintar, observar a natureza, conhecer o diferente; para educar crianças solidárias que aprendam a pensar e agir tendo o outro e o respeito à natureza como referência; para promover o tato e a experimentação livre como condição para as crianças se relacionarem com o mundo e conhecê-lo, e construir para si uma imagem desse mundo e de si mesmas.

Assim, a escola e tudo que nela existe, deve ser formulada com o intuito de promover o desenvolvimento integral da criança. Desse modo, o professor deve buscar organizar o espaço da sala de aula de modo que contemple os conhecimentos que a criança já possui e traz consigo de casa. Além disso, se preocupar em integrá-la nos processos decisivos dessa organização, para que se sentindo parte desse ambiente a criança se insira com mais facilidade.

Todos esses conceitos de formulação do ambiente auxiliam professores e alunos nos primeiros dias de aula e nesse processo de inserção das crianças no seu primeiro ano escolar, mas além disso abrem um leque de experiências para as crianças que possibilitarão o melhor desempenho das suas relações sociais. Portanto, o professor deve “[...] construir o espaço junto com as crianças e mudá-lo ao longo do ano” (BARBOSA, 2006, p. 135).

Esse processo leva um tempo até se concretizar, e como já citado cada criança possui um tempo específico para se integrar ao novo espaço e se sentir parte dele. Todas essas atitudes de cuidados e de criar situações para que as crianças se sintam confortáveis no novo ambiente são de fundamental importância, mas o que acontece é que só o tempo pode fazê-la entender o porquê de estar ali e o que essa nova rotina representa. Nesse caso, as conversas que antecedem esse momento e que geralmente acontecem em casa são essenciais. Carvalho e Ortiz (2012, p. 49) relatam que:

É preciso dar tempo para que essas perguntas possam ser respondidas. Com o tempo, a experiência com a novidade e o estabelecimento de uma rotina conhecida, é que a criança poderá ter a certeza que no final do período sua mãe retorna; que sua casa não é aquela; que pode gostar dali e se arriscar a conhecer outras pessoas, outras coisas, outras situações. Esse é um tempo de conhecer, de estabelecer vínculos e poder confiar no outro.

Compreende-se que, o cuidado e o carinho da professora com os alunos também auxiliam nesse processo, de modo que transpassa confiança, fazendo com que a criança acredite que pode confiar e se aventurar nessa nova fase. Estimular as brincadeiras com os colegas nos primeiros dias faz com que se enturmem mais rápido, expressando suas ideias.

Em se tratando de crianças tão pequenas, a atmosfera criada pelos adultos precisa ter um forte componente afetivo. As crianças só se desenvolverão bem, caso o clima institucional esteja em condições de proporcionar-lhes segurança, tranquilidade e alegria. Adultos amigáveis, que escutam as necessidades das crianças e, com afeto, atendem a elas, constituem-se em

um primeiro passo para criar um bom clima. As crianças precisam ser respeitadas em suas diferenças individuais, ajudadas em seus conflitos por adultos que sabem sobre o seu comportamento, entendem suas frustrações, possibilitando-lhes limites claros. Os adultos devem respeitar o desenvolvimento das crianças e encorajá-las em sua curiosidade, valorizando seus esforços. (BRASIL, 1998, p. 67).

Portanto, entende-se que a inserção das crianças nos Centros de Educação Infantil não é tarefa fácil, mas com a ajuda da família esse processo com certeza se dará de maneira mais natural. Além disso, planejar os espaços, a rotina, e preparar o ambiente junto com as crianças fazem com que as mesmas se sintam mais familiarizadas com a nova situação. Com a ajuda de todos os agentes responsáveis pela educação, tanto como os profissionais dos Centros como a família, o objetivo será alcançado com mais facilidade.

2.2. A ROTINA COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A rotina é um elemento presente no cotidiano da maioria das pessoas, e tem por função organizar as atividades realizadas durante o dia, para que assim o tempo possa ser aproveitado. Mas, na Educação Infantil, qual a definição de rotina? Segundo Barbosa (2006, p. 35) a rotina é uma “categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil”.

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (BARBOSA, 2006, p. 201).

Assim, a rotina é uma ferramenta utilizada nas creches e pré-escolas para nortear as atividades das crianças. Porém não deve ser algo imutável, devem ser flexíveis, sendo modificadas e adequadas quando necessário para melhor atender as necessidades dos pequenos. Além disso, é através da rotina que as crianças podem se situar no espaço-tempo em que estão inseridas, pois, tomando conhecimento das atividades que serão desenvolvidas durante o dia as crianças se sentem mais seguras e confiantes. A rotina auxilia também os professores, que, tendo planejado a rotina

das aulas, pode prever certos acontecimentos que eventualmente ocorrerão (BILÓRIA; METZNER, 2013, p. 05).

Um dos aspectos importantes que os professores devem levar em consideração antes de planejarem suas rotinas são as especificidades de seus alunos, pois é a partir do conhecimento da maneira como cada um se comporta que ele poderá montar rotinas que serão proveitosas para ele e para as crianças. Desse modo, o professor precisa “identificar o momento em que produzem, quando se mostram mais cansados, quando ficam mais agitados, o tempo de cada criança na produção de trabalhos, de atividades que agradam o grupo” (ULBRA, 2008. p. 93).

Ter conhecimentos desses fatores auxilia o professor, e faz com que as crianças participem ativamente das atividades realizadas na sala de aula. Além disso, as atividades pré-estabelecidas como a hora da chegada, hora do lanche e da saída, apesar de serem fixas, devem ser um momento de aprendizagem para as crianças, sendo aproveitado ao máximo. Não podendo ser realizadas às pressas, cada criança possui o seu tempo para realizar essas atividades, desse modo o professor deve estar atento para não atropelar o momento dos alunos.

Corroborando com essa ideia Nunes (1995) *apud* Batista (1998, p. 09) diz que,

[...] a rotina escolar deve favorecer o conhecimento de si nas dimensões físicas, afetiva e cognitiva, sendo necessário que cada criança possa se perceber como personalidade diferenciada. Não basta colocar o conhecimento do EU como conteúdo programático: é preciso que seja respeitada a individualidade de cada criança. Fazer com que todos os alunos realizem as mesmas ações, durante todo o tempo, não é o melhor caminho para isto. É preciso que cada um deles tenha a possibilidade de se opor, de se negar a fazer e de escolher o que fazer, não devendo ser sempre forçado a se conformar com as exigências que lhe são feitas.

Constata-se assim que, as rotinas devem ser um suporte para os professores de modo que facilite o trabalho com as crianças. Dessa maneira, como já comentado anteriormente, as especificidades de cada aluno devem ser levadas em conta, sem pressioná-los a realizarem atividades iguais em todos os momentos, cada um possui suas vontades, e o direito de escolha das crianças deve ser respeitado. No entanto, o professor deve sempre estar atento, auxiliando para que em todas as ocasiões seja oferecido oportunidades de aprendizado.

Além disso, desenvolver nas crianças manifestações de escolha, farão com que futuramente se tornem cidadãos ativos na sociedade, que não aceitam tudo que lhes é imposto, aprendendo a opinar. E é a partir da sua convivência com os demais que

elas irão “compreender o mundo em que vivem, compreender a si mesmas, as relações contraditórias que presenciam e, por meio principalmente das brincadeiras, explicitaram suas condições de vida e seus anseios e desejos” (CARVALHO; ORTIZ, 2012, p. 89).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI a rotina “representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças” (BRASIL, 1998, p. 54), dessa forma, a rotina deve não só favorecer a aprendizagem nas atividades destinadas à aprendizagem, mas também nas brincadeiras, nos cuidados e momentos em que as crianças estão em situações não dirigidas pelos adultos.

Nessa mesma linha de raciocínio, Bibiano (2011, p. 56) afirma que,

O cotidiano de uma creche tem de contemplar muitas propostas de trabalho: é preciso coordenar atividades de sala, das brincadeiras aos cuidados, garantindo momentos de aprendizagem de modo articulado. Por isso, o planejamento é fundamental. Programar-se de modo minucioso, levando em conta as particularidades de cada criança e se mantendo atento ao que ocorre à sua volta, é a melhor forma de garantir que os pequenos aprendam em grupo.

Esse planejamento da rotina embasado nas especificidades de cada criança garante que as atividades sejam mais aproveitadas por elas, e a partir disso, fazer com que as rotinas tenham verdadeiro significado no cotidiano da sala de aula. Por isso a importância de esquematizar com antecedência todas as atividades das crianças.

Nesse caso, a organização da rotina deve não só considerar as demandas da instituição, nem só o planejamento do professor, mas sim considerar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, por isso é importante que a mesma participe da elaboração dessa rotina. Quando se dar o poder de opinar no ambiente que está inserido a criança se sente importante, e parte daquele conjunto, passando a entender o sentido de estar em sala de aula. Com isso, o desenvolvimento da sua autonomia e inteligência contribuirão para a formação da sua personalidade. (SILVA, 2017, p. 142).

Muito já foi falado sobre a importância da participação das crianças na elaboração da rotina, mas em que momento esse planejamento pode acontecer? Segundo Silva (2017, p. 146) a roda de conversa é elemento fundamental e o momento específico para se planejar a rotina, pois, é ela que possibilita à criança “participar ativamente do processo de aprendizagem, das experiências a serem

vividas na escola, na organização do dia a dia da turma e promove o desenvolvimento de atitudes solidárias, de respeito, de alteridade”.

A rotina quando pré-estabelecida é imposta a criança sem que a mesma tenha participado pode causar estagnação, medo, bloqueio, pois, há certas atividades que não são do agrado da mesma. Porém, quando as atividades do dia são montadas junto com as crianças, oferece segurança, pois já sabe o que vai acontecer durante o dia e se preparar com antecedência para enfrentar tais situações. Dessa maneira, a liberdade de poder opinar faz com que a criança se sinta feliz em estar na instituição, se situando no tempo e se adaptando de melhor forma no ambiente escolar. (SEBASTIANI, p. 2009, p. 87).

Outro ponto importante em que deve haver a participação das crianças é a organização dos espaços da sala de aula, bem como a organização do ambiente, isso vai desde a proposta de organização das cadeiras aos chamados “cantinhos”, que promovem o desenvolvimento nas áreas cognitivas e sociais dos pequenos. É importante lembrar que os espaços estão sendo criados para a utilização das crianças, por isso tudo deve estar ao alcance das mesmas, para que assim possam decidir o momento em que vão brincar com livros ou com brinquedos, por exemplo. Fazer com que as crianças expressem suas vontades é fundamental, por isso, Horn (2017, p. 30) afirma que o modo de organizar o espaço “incide diretamente sobre as questões relacionadas ao protagonismo das crianças”.

O dia a dia nos Centros de Educação Infantil - CEI também devem contar com atividades que variam entre dirigidas e não dirigidas, essas atividades permitem que as crianças entendam que há momentos em que elas devem atender às sugestões do professor bem como momentos em que a mesma poderá decidir o que prefere fazer. Desse modo, as atividades dirigidas permitem ao professor estimular as crianças para que atinjam certos objetivos. Tais atividades desenvolvem nas crianças o entendimento que nem tudo acontece de qualquer maneira, trabalhando no seu desenvolvimento social.

No entanto, as atividades não dirigidas ou atividades livres, permitem à criança o poder de escolha, desenvolvendo sua autonomia diante das situações. Isso não quer dizer que não haverá a intervenção do professor nessas atividades, mas que as crianças poderão explorar o ambiente livremente, optando por qual atividade irá desenvolver. (SEBASTIANI, 2009, p. 93, 94).

O professor pode além disso, organizar as atividades das crianças com base em momentos específicos. Esses momentos ocorrendo todos os dias farão com que as crianças se situem no espaço-tempo, auxiliando-as e promovendo segurança. Bilória e Metzner (2013, p. 07) falam desses momentos, e citam alguns como: “[...] hora da roda, hora das atividades, hora do lanche, hora da higiene, hora da brincadeira e hora das atividades extraclasse”. Portanto, a rotina é algo fundamental nas classes de Educação Infantil, porém, o que deve ser sempre lembrado, é que as crianças devem possuir participação na construção da mesma, levando em consideração as peculiaridades e desejos que essas crianças possuem.

Dessa forma, Warschauer (1993) *apud* Batista (1998, p. 07) afirma que,

Uma rotina de trabalho é importante para a estruturação de um grupo de crianças (e também de adultos). Rotina de trabalho significa organização, sistematização e disciplina. É através da rotina que o tempo e o espaço se estruturam para a criança (a hora da roda, a hora do lanche, a arrumação das mesas e dos materiais, etc.) a rotina orienta a criança a se organizar dentro de um espaço e de um tempo determinado (...), porém a rotina deve ser flexível, de modo a organizar os espaços e os tempos conforme as novas necessidades que surjam, caso contrário ela torna-se mecânica e sem sentido.

Dessa maneira, como já muito citado, a rotina sem a participação da criança torna-se algo imposto, e sem sentido. Como também não deve ser algo inflexível, planejar atividades com antecedência é fundamental, porém o professor deve estar consciente de que situações inesperadas podem acontecer, e também estar preparado para enfrentá-las, além disso, pode usar dessas situações para que as crianças aprendam que nem tudo acontece como se espera todas as vezes, se adaptando ao inesperado.

2.3 DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Muitos são os desafios que os profissionais de Educação Infantil enfrentam nos CEI, desafios esses que vão desde o processo de inserção das crianças nas instituições, a falta de estrutura e de materiais das escolas, e questões referentes as formações continuadas. Mas quem são esses profissionais?

Trata-se de pessoas que desenvolvem suas tarefas voltadas para a realização de um objetivo comum: o atendimento à criança. Têm papel fundamental os professores, mas também os profissionais que não estão

ligados diretamente às crianças, como quem cozinha, limpa e vigia a creche. Essas pessoas, além do desenvolvimento das suas tarefas específicas, devem também ser considerados como participantes no projeto educativo, devendo ter consciência das finalidades da creche, conhecimento e compreensão dos significados das programações, pois têm papel relevante na sua dinâmica. (SEBASTIANI, 2009, p. 16).

Assim, todos os profissionais dos Centros devem estar empenhados em promover o acolhimento das crianças, objetivando o desempenho das mesmas e uma educação de qualidade.

Muitas coisas se modificaram desde o início da Educação Infantil no Brasil, desde a sua finalidade às instituições, mas o que vale ressaltar principalmente é o que se modificou a respeito do que se espera dos profissionais que atuam nessa modalidade, principalmente dos professores. Tudo se resume na necessidade de uma formação inicial e continuada mais específica e inovadora para esses profissionais. (FRONER; SUDBRACK, 2017, p. 66). Dessa maneira, nota-se as mudanças, e com isso crescem os desafios, as instituições de Educação Infantil estão cada vez mais exigentes frente a formação dos profissionais atuantes. O profissional dessa área, principalmente professores, precisa ser inovador, flexível, amoroso, enfim, possuir vários atributos. O próprio Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que,

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abranjam desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Esse caráter polivalente, demanda por sua vez uma formação ampla e profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (BRASIL, 1998, p. 41).

Portanto, como citado, o professor de Educação Infantil, possui a missão de ser um profissional versátil, com conhecimentos diversos sobre várias áreas do conhecimento, além disso, é necessário que seja um professor atento as necessidades dos alunos, cuidadoso, e amoroso, pois, lidar com as crianças exige cuidados específicos.

Há também o desafio em conciliar os cuidados com a educação na Educação Infantil. Esses dois processos são complementares e indissociáveis, portanto, é

função dos CEI garantir esses direitos das crianças. Consequentemente, os profissionais atuantes nos CEI devem estar empenhados em promover uma educação de qualidade sem abrir mão dos cuidados com as crianças, pois só assim haverá o desenvolvimento integral dos pequenos. (SEBASTIANI, 2009, p. 42).

Assim, o educar e o cuidar se tornam inseparáveis na Educação Infantil, por isso, é necessário que o professor não abandone a postura de cuidados e custódia das crianças como acontece no ensino fundamental, mas que ele utilize dos planejamentos para mesclar as duas ações e assim desenvolver as habilidades das crianças. Portanto, “o educador da criança pequena necessita de um saber fazer que incorpore, ao mesmo tempo, a globalidade e vulnerabilidade social das crianças e sua competência”. (ULBRA, 2008, p. 54).

Além disso, torna-se um grande desafio para os profissionais a questão da falta de estrutura de alguns centros, professores que trabalham sem os materiais adequados para que as atividades sejam realizadas de maneira completa com as crianças. Evidencia-se no cotidiano de algumas instituições esses problemas, onde professores e demais profissionais utilizam dos seus próprios recursos para desenvolverem essas atividades no cotidiano dos centros. Com isso, a formação integral das crianças é comprometida, fazendo com que a Educação Infantil não atenda a sua finalidade como é proposta na LDB. (FRONER; SUDBRACK, 2017, p. 68).

Frente a todos esses fatores, o professor de Educação Infantil ainda deve ser um profissional que possui certa prática com as vivências das crianças, e entender o mundo da sua forma, valorizando todos os seus aspectos. Com isso, cresce o desafio de atuar nessa modalidade, pois, lidar com esse mundo infantil requer muita paciência e dedicação.

Portanto, o grande desafio na formação do professor de Educação Infantil eleva o reconhecimento de sua tarefa e de sua responsabilidade frente ao progresso de desenvolvimento social e humano. Ensinar a cultivar a infância como acontecimento inédito é perceber que esses acontecimentos como aquilo que não está prescrito, predeterminado em livros e/ou especificado em lugar nenhum. Esses acontecimentos não podem e não devem ser moldados, manipulados ou automatizados pelos discursos da escola. Eles são próprios e donos de uma linguagem: a da criança. Sendo assim, ser professor na Educação Infantil é ter sensibilidade aflorada para perceber que cada criança tem realidade diferente, ritmo diferente, ou seja, particularidades que devem ser levadas em conta e valorizadas pelo educador. (IBIDEM, p. 67).

Assim, como nas demais modalidades de ensino a Educação Infantil possui seus desafios quanto as questões com os alunos em sala de aula, porém, o quadro da Educação Infantil se agrava por se tratar de crianças pequenas. Cada um com as suas vivências, construindo sua personalidade, conhecendo o mundo a sua volta. Além disso, conservar a infância tem se tornado cada vez mais difícil, frente a todas as novidades existentes, que muitas vezes tiram das crianças o direito de serem crianças. Dessa forma, ser professor dessa modalidade é um desafio grandioso, mas também uma profissão gratificante.

Os professores também enfrentam desafios quanto a superação, e a desmitificação do senso comum pedagógico. Grande parte da sociedade e até mesmo alguns professores, em sua maioria atuantes nas demais modalidades da educação, discursam e acreditam que a Educação Infantil serve de refúgio para as crianças pobres que não tem onde ficar enquanto as mães trabalham. Ou que a Educação Infantil não educa e que as crianças só brincam. Muitos por falta de conhecimento acreditam que isso é verdade. (IBIDEM, p. 67).

Apesar de todas essas dificuldades e de todos esses desafios, atuar nos Centros Infantis é muito gratificante, assim como é também nas demais modalidades da educação. Saber que você pode estar contribuindo de forma positiva na formação de um indivíduo com certeza minimiza grande parte desses desafios. Ser um professor, principalmente, não é tarefa fácil, mas o trabalho com as crianças é um ato muito bonito. O professor da Educação Infantil lida com situações diárias que por muitas vezes espantam, entristecem, estressam, mas no final ele também aprende, se torna uma pessoa melhor e mais humana. Ainda conforme os autores, “ser educador infantil deve remeter ao vislumbre da aprendizagem, das descobertas constantes, do aprender a aprender com a criança e com os outros” (IBIDEM, p. 69).

Outro desafio que os professores de Educação Infantil enfrentam é quanto a sua formação. Os Centros exigem cada vez mais professores habilitados para exercer essa função, porém, o curso de Pedagogia em si deixa a desejar quanto aos conteúdos específicos para a atuação com as crianças pequenas. Isso faz com que alguns professores tenham que descobrir na prática como trabalhar com essas crianças.

[...] a formação do pedagogo em habilitação integrada por magistério de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental gera o viés da multiplicação de fundamentos e metodologias de ensino, em áreas

disciplinares de matemática, ciências, português, história, geografia, educação física e artes, o que cria um modelo de curso que reproduz práticas de ensino fundamental. A pouca presença de conteúdos sobre o trabalho na creche demonstra a falta de especificidade da educação infantil, reitera a antecipação da escolaridade e o descuido com pressupostos de qualidade, como a integração entre o cuidado e a educação. (RETO; SANTOS, 2015, p. 05).

Desse modo, por muitas vezes nos Centros de Educação Infantil o direito das crianças à uma educação de qualidade lhes é tirado. Professores e demais profissionais atuantes que não possuem formação específica ou até mesmo especializações para trabalharem com os mesmos, dessa maneira comprometendo o seu desenvolvimento integral.

Corroborando com essa afirmação, Carvalho e Ortiz (2012, p. 24) dizem que,

Também o baixo salário dos professores não lhes permite realizar seus estudos em instituições de qualidade, de forma que criamos uma profissão, a de professor de Educação Infantil, que não tem formação inicial disponível, ainda mais porque os cursos de Pedagogia, que os habilita, em sua maioria não atendem às especificidades da faixa etária de 0 a 3 anos.

Como afirmado pelas autoras, o baixo salário dos professores de Educação Infantil impede que esses profissionais busquem formação adequada ou até mesmo especializações para atuarem nessa modalidade, já que o curso de Pedagogia não os habilita de maneira completa. Dessa forma, os professores não possuem incentivos de buscarem formação. Além disso, as formações continuadas que acontecem nas escolas em sua maioria não agregam conhecimentos necessários para a prática docente nas salas dos Centros.

O que se percebe é que todos esses fatores que desencadeiam desafios na Educação Infantil, são situações que podem ser resolvidas, para que assim a Educação Infantil se torne uma educação de qualidade, que atenda o direito das crianças enquanto cidadãos. Porém, essa qualidade não se constrói sozinha, é necessário que toda a sociedade esteja empenhada e compromissada em atender a essa demanda, e procurar oferecer não só uma educação de qualidade dentro das escolas, mas também que essa educação aconteça nas demais instituições sociais.

Só com a ajuda de todos que esses desafios podem ser minimizados, para fazer com que o trabalho docente e também o trabalho dos demais profissionais da Educação Infantil valha a pena e seja transformador na vida dessas crianças. Portanto, o acesso à Educação Infantil deve ser assegurado pelo governo, com o

auxílio da família, pois, “garantir o acesso com qualidade é compromisso de todos os brasileiros com nossas crianças” (CARVALHO; ORTIZ, 2012, p. 26).

2.4 O PAPEL DAS FAMÍLIAS

Sabe-se que para que a educação de fato aconteça nas escolas, é necessário que a família e escola andem juntas, e firmem compromissos de que cada um cumpra o seu papel de forma objetiva. Muito se sabe sobre o papel das escolas e da sua importância, mas o que de fato acontece é que a família é a base das crianças e da educação que elas possuem, dessa maneira, a família desempenha função principal no desenvolvimento integral das crianças. Carvalho e Ortiz (2012, p. 16) afirmam que: “É sabido que a família é o primeiro contexto de educação da criança. É no seio da família que os primeiros significados são mediados e as primeiras experiências afetivas são vivenciadas”.

O papel das famílias está descrito nas Leis do Brasil, afirmando que é dever da mesma assegurar às crianças educação, bem como saúde, alimentação, lazer e a liberdade de conviver em família e comunidade. Assim, nota-se a importância da participação dessa instituição social, sendo o agente transformador, responsável por promover a base do desenvolvimento integral das crianças (SOUZA, 2009, p. 07).

Nesse sentido, as escolas de Educação Infantil e a família devem atuar juntas, com o intuito de garantir que as crianças tenham acesso ao seu direito que está garantido nas leis, porém, a efetivação desse objetivo só é possível se cada instituição assumir de forma concreta o seu papel perante a educação, pois a promoção do cuidar e educar cabe não só às escolas, e depende do trabalho de toda a equipe dos Centros bem como a participação das famílias. (CARVALHO; ORTIZ, 2012, p. 179).

Na perspectiva educacional, a família desempenha uma função importante na educação formal e informal. A instituição família, bem como a instituição escolar, são ferramentas primordiais no desenvolvimento social, emocional, cultural e cognitivo do indivíduo, ao mesmo tempo em que são transmissoras do conhecimento e dos valores éticos culturais. (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 127).

Portanto, as duas instituições devem caminhar juntas, de modo que uma complete a outra. No entanto, a família sendo o primeiro grupo social em que a criança é inserida, e por ser o grupo que possui laços de sangue se torna a mais importante,

e por conta disso deve procurar repassar valores para os filhos, assim como sendo tarefa da mesma educá-los.

Com base nesses relatos, pode-se afirmar que o sucesso das crianças nas escolas depende dessa interação entre família e escola. A falta de acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos gera sérios problemas, a maioria deles acarreta o baixo rendimento do aluno, comprometendo a qualidade de ensino. Cavalcante e Silva (2012, p. 1) afirmam que:

Partindo do princípio de que a família é a base da formação humana, como primeira instituição que exerce papel social e educacional nas futuras gerações, entendemos que sua participação no trabalho educativo escolar é imprescindível, pois a qualidade dessa educação depende da parceria entre escola e família ultrapassando, portanto, as dimensões próprias da escola.

Assim, as questões voltadas para que haja qualidade na Educação Infantil estão estreitamente ligadas e dependentes de uma boa relação entre família e escola. Aos pais cabe o acompanhamento no dia a dia escolar de seus filhos, de modo que também os auxiliem nas suas dificuldades. Somente com essa parceria entre professores e pais é que a realidade dos alunos pode ser mudada para melhor.

Corroborando com esses pensamentos, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil também afirmam que os fatores relacionados a melhoria da qualidade da Educação Infantil estão relacionados com a maior participação das famílias no cotidiano das escolas. Desse modo, a importância do envolvimento das famílias com os profissionais das escolas é notável, sendo necessário que haja ênfase nesse assunto, pois só com a união dessas duas instituições que a educação será satisfatória (BRASIL, 2006, p. 22).

Em sua obra, Froner e Sudbrack (2017, p. 87) trazem uma pesquisa voltada para os fatores que influenciam na qualidade da Educação Infantil, um dos entrevistados afirmou que,

[...] a qualidade de ensino para essa faixa etária abrange muitos aspectos: a parceria com a família é muito importante, pois a cumplicidade com os pais para a educação de seus filhos é relevante, a educação dentro da sala de aula fluirá melhor quando pais/responsáveis participarem ativamente da vida educacional de seus filhos. Assim, penso que uma educação de qualidade não se concretiza somente com o trabalho do professor, mas a parceria escola/família/administração/comunidade devem caminhar juntas.

Portanto, todos o corpo escolar deve estar empenhado em contribuir com os pais em sua participação nas escolas. O professor está diretamente ligado a eles por conta da maior convivência com os alunos, mas isso não significa que só ele deve procurar manter ligação com a família, como citado a parte administrativa da escola também deve procurar manter uma boa relação, de modo que visem a melhora do aluno em sala de aula.

No entanto, há alguns fatores que fazem com que alguns pais não acompanhem a vida escolar dos seus filhos, em alguns casos a falta desse acompanhamento não se dá por falta de interesse, mas sim por conta de uma série de fatores que influenciam nesse afastamento. Entre eles, podem ser citados: as condições socioeconômicas, a falta de tempo decorrente do trabalho, a baixa escolarização, fator que também influencia na comunicação entre pais e alunos, além disso, causa desconforto em alguns pais.

Sendo essas as principais causas da falta de participação dos pais, a escola deve sempre buscar meios de aproximar a família do cotidiano escolar, de modo que proponha meios que facilitem as relações, sempre buscando atender às necessidades dos educandos, que são os principais prejudicados na falta dessa convivência. (CAVALCANTE; SILVA, 2012, p. 08).

Com isso, as instituições de Educação Infantil podem promover situações que façam com que os pais ou responsáveis se aproximem do dia a dia das crianças nas escolas. Segundo Sebastiani (2009, p. 218), “entrevista antes da inserção da criança, os contatos informais e cotidianos e as entrevistas solicitadas” são meios que fazem com que os pais participem ativamente da vida escolar dos filhos, atitudes também que os fazem se sentir importantes agentes transformadores da educação. Os pais precisam notar a diferença que a participação deles causa na vida de seus filhos.

Outra forma de promover a inclusão dos pais e incentivar a sua participação é fazer com que eles estejam envolvidos nas atividades e projetos dos Centros, uma forma de fazê-los compreender a importância de cada atividade e o modo que ela auxilia seus filhos na sua formação integral. Ainda segundo Sebastiani (2009, p. 221), os pais e a família “podem participar também através da integração dos seus conhecimentos nos projetos e trabalhos desenvolvidos com as crianças na creche”.

Há também famílias que não reconhecem o seu papel e não compreendem sua influência no ambiente escolar. Fato que acontece muito na Educação Infantil são crianças que não possuem limites em sua casa e levam essas atitudes para a sala de

aula, dificultando a sua convivência com as demais. Pais que não educam seus filhos jogando a responsabilidade na escola, de modo que abandonam o ensino dos bons costumes.

Os pais, a despeito das consequências de suas atitudes, devem buscar o melhor para os filhos e não agir objetivando serem aceitos e amados por eles, pois, se esse for o principal motivo da ação, os sinais, as atitudes de contestação e de discordância dos filhos podem funcionar para fazer com que os pais modifiquem sua ação. (LUZ, 2008, p. 191).

Dessa forma, os pais devem sempre buscar o melhor para os filhos, ensinando-lhes e dando-lhes limites em suas atitudes. É tarefa da família ensinar os filhos a terem educação, porém há muitos pais que não tem consciência disso, ou até mesmo não dão importância para esse fato, o que dificulta as relações entre família e a escola, e assim prejudica a criança durante toda a sua vida. A falta de limites gera sérios problemas para a formação da personalidade do indivíduo. Por isso a necessidade de ambas as instituições formarem essa parceria.

Boas atitudes dos pais com relação a educação dos filhos geram consequências boas, além de estarem contribuindo para a sua formação enquanto indivíduo, estão favorecendo a formação de um bom cidadão para atuar na sociedade. Segundo Poli (2008) *apud* Cavalcante e Silva (2012, p. 09):

A criação de vínculos saudáveis e duradouros dos pais para com os filhos prioriza a formação de sua personalidade. Existem famílias que não interagem na formação do seu filho junto à escola por se confrontarem com atividades de trabalho cotidiano que exigem muito de seu tempo. Por outro lado, outras vivem à mercê do desemprego e da pobreza, o que muitas vezes causa o desequilíbrio dessas famílias.

Assim, os desafios dos pais também são muitos, pois, muitos possuem muitas atividades no seu dia a dia que dificultam o acompanhamento dos filhos no contexto escolar, no entanto, o que cabe aos pais é o esforço para estarem presentes na vida dos seus filhos, para que não aconteça de a criança se prejudicar. Buscando o auxílio e procurando sempre construir uma boa relação com o corpo escolar as famílias conseguiram cumprir o seu papel.

Entende-se, nesse aspecto que, a família por ser a primeira instituição social com a qual a criança possui contato, deve ser também a primeira a garantir que os direitos das mesmas estejam assegurados. Por conta desse fato, a instituição escolar deve procurar manter vínculos com a família, objetivando o aprimoramento e o bom

desenvolvimento da criança na escola. Portanto “Cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil” (BRASIL, 1998, p. 75).

Portanto, o papel das famílias na formação das crianças é algo extremamente notável, a sua participação no cotidiano escolar também. Sem a participação dos pais na vida escolar dos filhos a qualidade da educação com certeza não será algo satisfatório. Por isso é necessário que os pais se empenhem em auxiliar seus filhos não só na escola, como na sua vida em todos os aspectos, sendo sua função acompanhá-los, protegê-los. Como afirmam Santos e Toniosso (2014, p. 07), “A criança, conseqüentemente, será o reflexo da família na qual convive, já que a família é a fonte principal dos valores éticos, morais e culturais de cada indivíduo”. O comportamento dos filhos é reflexo daquilo que lhes é passado através dos ensinamentos da família principalmente.

3 ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DA EMEIF ENGº FRANCISCO BARROS, DISTRITO DE CAMPO VERDE, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi realizado com base em referenciais bibliográficos que tratam da temática da educação infantil, dos desafios dos profissionais que atuam nesse nível de ensino com evidência na rotina das crianças, baseando-se em autores como: Ariès (1981), Barbosa (2006), Brasil (2017), Ulbra (2008), Cavalcante e Silva (2012), Sebastiani (2009), assim como a legislação educacional brasileira.

Além disso, realizou-se uma pesquisa de campo, no período de outubro a novembro de 2018, com o intuito de obter informações mais precisas sobre o tema estudado, bem como observar e constatar na prática a realidade. Dessa forma, essa pesquisa se deu na EMEIEF Engenheiro Francisco Barros localizada no distrito de Campo Verde km 30, com entrevista realizada com 8 (oito) professoras que atuam na Educação Infantil nesta escola, objetivando analisar os desafios dos profissionais quanto ao processo de adaptação e rotina das crianças.

Destas oito profissionais, somente uma é estudante de Pedagogia, as demais são formadas em Pedagogia com tempo de na área da Educação Infantil de 1 a 20 anos, ou seja, temos profissionais iniciantes e outras com bastante experiência.

Conforme o quadro 1 pode-se observar a preferência das educadoras (o que gosta e o que não gosta), como descreve sua turma de alunos e o trabalho com as crianças pequenas.

Quadro 1. Preferências das educadoras e descrição da turma. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadora	O que mais gosta	O que menos gosta	Descrição do grupo de crianças
E ₁	<i>“Receber a criança ‘crua’ e verificar sua progressão”.</i>	<i>“Ter que levar/ensinar a criança a usar o banheiro”.</i>	<i>“Hoje em dia, são mais desinteressadas”.</i>
E ₂	<i>“A afetividade entre professora e aluno, o amor e o carinho que recebemos deles não tem preço”.</i>	<i>“A falta de apoio pedagógico e materiais para trabalhar”.</i>	<i>“São crianças a maioria das vezes, carentes de afeto”.</i>
E ₃	<i>“A maneira como se trabalha os conteúdos, o lúdico me encanta. Isso é”.</i>	<i>“O fato de a turma ter muitos alunos, e como são crianças de cinco anos de idade eu fico”.</i>	<i>“As crianças que eu trabalho são muito agitadas, porém é uma turma que na maior parte do tempo conclui as tarefas”.</i>

	<i>muito bom quando é possível”.</i>	<i>sobrecarregada e acabo não conseguindo terminar algumas atividades e brincadeiras”.</i>	
E₄	<i>“Da roda de conversa, devocional, músicas, etc”.</i>	<i>“Quando as crianças fazem pirraça”.</i>	<i>“São divididos em dois grupos: alguns amorosos e carinhosos e outros um pouco agressivos”.</i>
E₅	<i>“A interação, afetividade com os pequenos, ajudar no crescimento dessa fase tão importante na vida dos mesmos”.</i>	<i>“Em relação a responsabilidade com os pequenos. No caso a quantidade de crianças”.</i>	<i>“As crianças com quem trabalho são alegres e extrovertidas, tem dias que estão super agitadas. Há casos de indisciplinas, mas, conseguimos sempre reverter certas situações”.</i>
E₆	<i>“Gosto de ver a alegria da criança quando ela consegue fazer a primeira letrinha, e demonstra interesse nas atividades”.</i>	<i>“Trabalhar com crianças tudo me interessa, não tenho uma palavra para definir o que não gosto”.</i>	<i>“Eu descreveria as crianças como seres capazes, fantásticas que aprendem e nos ensinam ao mesmo tempo”.</i>
E₇	<i>“O carinho verdadeiro, estar com eles nas suas primeiras descobertas na educação”.</i>	<i>“A falta de valorização, rotina cansativa, falta de apoio por parte dos pais”.</i>	<i>“Extrovertidos, curiosos e carinhosos”.</i>
E₈	<i>“A imaginação e a criatividade na descoberta de um mundo novo para eles e o mundo do aprender”.</i>	<i>“A indisciplina”.</i>	<i>“Crianças espertas e criativas, curiosas em aprender o novo”.</i>

Com base nas respostas das entrevistadas pode-se constatar que o trabalho com as crianças da Educação Infantil é muito gratificante, a afetividade e o carinho nessa fase é muito importante e auxilia a criança no seu desenvolvimento. No entanto, fatores como a superlotação das salas de aula, a indisciplina e a falta de apoio pedagógico desmotivam essas profissionais. Além disso, pode-se perceber que as crianças em sua maioria são afetivas, curiosas, inteligentes e carinhosas.

3.2 CARATERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Engenheiro Francisco Barros, deu início a suas atividades educacionais no ano de 1983, localizada no Distrito de Campo Verde Km 30, município de Itaituba-PA, prestando serviço aos alunos que estudavam de 1º a 4º série do Ensino Fundamental, em três turnos: manhã, intermediário e tarde. Possuía apenas duas salas de aulas, cozinha e um almoxarifado, com qual o quadro funcional de três professores, uma servente e uma professora responsável Izelda Honorato Selestrino que assumia tanto a direção da escola, como a secretária escolar.

No ano de 1986, aconteceu a implantação do 1º grau completo, hoje Ensino Fundamental, e a escola passou a funcionar com o total de 250 alunos, aumentando assim o quadro de funcionários. Em 1997 houve poucas, mas significativas mudanças entre elas a implantação da APM (Associação de Pais e Mestres). Neste ano, o número de alunos permaneceu inalterado, mais em 1998 o número aumento para 357 e em 1999 o alunado chega ao um total de 455 e a escola passa atender em três turnos, manhã, tarde e noite.

No ano de 2013 iniciam-se as aulas no novo prédio e continua como Diretora a professora Rita Almada Ghizoni, sendo a vice-diretora Cláudia de Souza Almada. Com a clientela de 621 alunos do Ensino Fundamental I e II e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Neste ano o Ensino Médio passou a ser regular com 04 turmas anexas a escola estadual Benedito Corrêa de Sousa, com a clientela de 230 alunos funcionando no prédio da escola em parceria com o Estado. Continua como Diretora a Professora Cláudia de Souza Almada, Vice-Diretora a professora Sandra Ferreira de Sousa e teve como Técnica a Professora Rita de Almada Ghizoni.

No ano de 2017 a escola passou atender também o ensino de Educação Infantil por determinação da Secretária Municipal de Educação, mesmo que sem estrutura adequada para suprir a necessidade dessa modalidade de ensino. Nesse mesmo ano a Professora Cláudia de Souza Almada assume a direção juntamente com a professora Sandra Ferreira de Sousa, por indicação política.

Notando a necessidade de realizar atividades diferenciadas para facilitar a adaptação das crianças da Educação Infantil no ambiente escolar, as professoras realizam projetos que tem como objetivo promover atividades diferenciadas que auxiliem e faça com que esse processo aconteça de forma mais natural.

Esses projetos desenvolvem atividades como: as professoras utilizam fantasias para acolher as crianças nos primeiros dias de aula; passeios pelo ambiente escolar, para que conheçam o prédio e os funcionários da escola; conversas informais nas rodas de conversas que falam a respeito da história da escola, da importância de se ter um cuidado com esse ambiente; conversas sobre as regras da sala de aula e da escola entre outros. Todas essas práticas são importantes e foi um meio que as professoras e a escola em geral encontraram de contribuir nesse momento tão importante para as crianças, pais e professores.

Atualmente, a escola atende 827 alunos. O seu quadro de funcionários está composto por 46 profissionais entre professores sendo eles (12) efetivos e (22)

contratados e pessoal de apoio. O prédio escolar está dividido em 6 pavilhões, onde estão distribuídos secretária (1), sala da direção (1), sala de apoio pedagógico (1), sala dos professores (1), biblioteca (1), banheiros masculinos (4), banheiros femininos (4), banheiros adaptados (2), refeitório (1), almoxarifado(1), auditório (1), quadra poliesportiva(1), quadra de areia (1), parquinho (2), cantina (1), sala do AEE (Atendimento Especial Especializado) (1), sala de informática(1) e (14) salas de aulas, cada ambiente está equipado de acordo com sua utilidade.

Apesar das adaptações a estrutura da escola ainda não se encontra dentro dos padrões exigidos para o funcionamento da Educação Infantil. Dessa maneira, influência de forma negativa no processo de adaptação das crianças na escola, fatores como banheiros inadequados para o tamanho deles faz com que a criação da independência dos pequenos seja retardada. No entanto, a gestão juntamente com professores e demais funcionários da instituição fazem o possível para que todas as necessidades sejam supridas.

Por isso, a escola Engenheiro Francisco Barros possui a missão de “contribuir para a constante melhoria das condições educacionais da população de Campo Verde, visando assegurar-lhes uma educação de qualidade dentro de um espaço criativo, acolhedor e que respeite os princípios humanos”.

3.3 CONCEPÇÕES DAS EDUCADORAS

A organização do tempo na rotina da escola infantil constitui um dos maiores desafios para proporcionar à criança cuidados e educação de qualidade, por isso é fundamental planejar a rotina e a adequação na creche e pré-escola. Desse modo, iniciou-se a pesquisa com as professoras que atuam com as crianças da educação infantil, com a seguinte questão 1: **Como você distribui o tempo entre as atividades escolares? Esse tempo é suficiente?** As respostas das entrevistadas estão demonstradas no quadro 2.

Quadro 2. Distribuição do tempo entre as atividades escolares. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>“Sim, pois, por meio da rotina onde começa com o devocional, atividades, brincadeira e recreio o tempo fica bem distribuído”.</i>
E ₂	<i>“O tempo entre as atividades é suficiente, sendo que eu dedico entre uma hora a 45 minutos para desenvolver”.</i>

E ₃	<i>Temos quatro horas de planejamento, nesse tempo pesquiso atividades, faço plano de aula e projetos mensais. Mas o professor sempre tem que ter o plano “b” para não deixar a desejar buscando sempre informações”.</i>
E ₄	<i>“O tempo distribuído em primeira parte são para acolhimento, devocional, histórias e em seguida duas atividades. A segunda parte mais duas atividades, brincadeiras livres. Sobre o tempo é por dia que não é suficiente”.</i>
E ₅	<i>“Sim, nesse tempo da de fazer bastante coisa, no primeiro momento o devocional, musicalização, história e roda de conversa, no segundo momento atividades e o lanche, terceiro momento outra atividade, quarto momento brincadeiras e vídeos infantis”.</i>
E ₆	<i>“Eu tento distribuir entre atividades no caderno e brincadeiras que envolvam o conteúdo trabalhado. Na maior parte do tempo não, devido a turma ser lotada com um grande número de alunos”.</i>
E ₇	<i>“Faço um planejamento com rotina e etapas para que a criança saiba o que vai acontecer no decorrer da aula. Ex: acolhida, hora da roda, história e musicalização, atividades, lanche, etc”.</i>
E ₈	<i>“Acolhida, conversa, música e/ou história, atividades escritas, brincadeiras e/ou jogos”.</i>

Assim, de acordo com as respostas, nota-se que o tempo vem sendo bem distribuído entre devocional, rodas de conversas, histórias, atividades e brincadeiras que juntas compõem o dia a dia das salas de Educação Infantil. Além disso, o tempo é suficiente quando as atividades são planejadas com antecedência, sendo assim bem aproveitado para desenvolver várias atividades durante as aulas.

Partindo da ideia de que todas as atividades realizadas dentro e fora da sala de aula são muito importantes para o desenvolvimento das crianças, foi feita a seguinte afirmação na questão 2 e solicitado para que as professoras que responderam ao questionário dessem sua opinião sobre tal: **A atividade lúdica na Educação Infantil é uma opção didática metodológica para melhor eficácia da aprendizagem das crianças e não com um mero passatempo.** As respostas estão demonstradas no quadro 3.

Quadro 3. Atividades lúdicas como opção didática metodológica. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>“Brincando também se aprende”.</i>
E ₂	<i>“A ludicidade vai além do brincar, ela possibilita situações de aprendizado, ela contribui para o melhor desenvolvimento integral da criança nas áreas da socialização, comunicação, a capacidade de atenção e memorização”.</i>
E ₃	<i>“Concordo plenamente com essa afirmativa, pois, devido a faixa etária desses alunos é fundamental se trabalhar de maneira lúdica, pois, a criança aprende brincando”.</i>
E ₄	<i>“O lúdico é fundamental para Educação Infantil, pois, as crianças aprendem brincando”.</i>
E ₅	<i>“Proporcionar as crianças atividades lúdicas e diversificadas é de fundamental importância na aprendizagem, nesta fase as crianças ainda estão em descobrimento da vida”.</i>

E ₆	<i>“Não tem como trabalhar na Educação Infantil e não usar o lúdico, pois, essa ferramenta é fundamental para a aprendizagem da criança, onde através da atividade lúdica a criança compreende com mais facilidade”.</i>
E ₇	<i>“Na Educação Infantil há diversas opções de como se trabalhar, porém a atividade lúdica é a que rende mais com as crianças”.</i>
E ₈	<i>“Por meio das atividades lúdicas a criança aprende com mais facilidade, pois, a mesma desperta na criança a curiosidade em querer aprender cada vez mais”.</i>

A partir dessas respostas pode-se constatar que as atividades lúdicas são ferramentas que surtem muito efeito na aprendizagem das crianças, fazendo com que as mesmas aprendam de forma divertida e satisfatória, alcançando resultados que as fazem progredir, construindo seus conhecimentos. Como afirma Rau (2011, p. 61)

Os profissionais que buscam metodologias criativas para desenvolver seu trabalho na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental vêm observando que as crianças aprendem quando brincam, pois a ludicidade envolve habilidades de memória, atenção e concentração, além do prazer da criança em participar de atividades pedagógicas de maneira diferente e divertida.

Portanto, trabalhar com a ludicidade na Educação Infantil é praticamente um item obrigatório, tendo em vista que tanto os professores quanto os alunos só tendem a ganhar com essa prática. Além disso, as atividades lúdicas permitem entre tantas coisas a socialização das crianças, dessa forma o professor encontra diferentes estilos de transmitir conhecimentos aos seus alunos, abrangendo todas as crianças.

Sabe-se que a Educação Infantil é a modalidade de ensino vista por muitos como a base da educação, em que a criança tem seu primeiro contato com o universo das escolas e com a educação formal. Nesse contexto abre-se espaço para a questão 3: **Em sua opinião, qual objetivo da Educação Infantil?** As respostas estão demonstradas no quadro 4.

Quadro 4. Qual o objetivo da Educação Infantil. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>“A Educação Infantil é a fase de desenvolvimento da criança onde ela estabelece e amplia suas relações sociais, cognitivas, físicas, etc”.</i>
E ₂	<i>“Preparar a criança para o ensino fundamental”.</i>
E ₃	<i>“O objetivo da Educação Infantil é de acolher a criança e transmitir conhecimentos com seus direitos e deveres”.</i>
E ₄	<i>“Ao meu ver, a Educação Infantil é parte importante na vida das crianças. Onde a criança desenvolve a coordenação, a socialização entre os demais... etc”.</i>
E ₅	<i>“Seu objetivo é o desenvolvimento integral da criança, ou seja, não apenas o cognitivo mas também o físico e o sócio emocional”.</i>

E ₆	<i>“Na minha opinião a Educação Infantil é uma fase preparatória para a vida escolar da criança. É na Educação Infantil que esse aluno (a) terá o primeiro contato com um grupo social diferente, assim entendo que precisa ter condutas a seguir”.</i>
E ₇	<i>“Preparar a criança para conviver no meio social”.</i>
E ₈	<i>“Tentar preparar a criança para os desafios das séries vindouras”.</i>

Assim, com base nos relatos obtidos nessa questão pode-se afirmar que a Educação Infantil é uma fase muito importante para o desenvolvimento das crianças, preparando-as para os novos desafios que surgirão nas próximas etapas de ensino. Mas além disso, a Educação Infantil é importante pois, auxilia a criança no seu desenvolvimento integral, dando oportunidade de socialização e aprendizagem. É na Educação Infantil que as crianças conhecem e exploram suas possibilidades, utilizam diversas linguagens para se comunicar com os demais, aprimorando sua personalidade.

Pelo fato de que a ingressão na Educação Infantil seja uma novidade na vida das crianças, muitas delas possuem dificuldade em se adaptar a sala de aula. No entanto, existem algumas práticas que podem ajudar nesse processo, práticas essas que podem ser iniciadas no próprio ambiente familiar. Por esse motivo, foi realizada a pergunta da questão 4: **Você acredita que a rotina na educação das crianças é fundamental para sua adaptação ao ambiente escolar?** Segue o quadro 5 com as respostas desse questionamento:

Quadro 5. A importância da rotina na adaptação escolar. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>“Depende muito da criança e de como ela foi educada em casa. Mas na grande maioria das vezes sim”.</i>
E ₂	<i>“Sim, é benéfico não só para a criança, mas também para o professor”.</i>
E ₃	<i>“Sim, a rotina é essencial para o processo de adaptação da criança no ambiente escolar”.</i>
E ₄	<i>“Sim, pois a criança aprende a se organizar”.</i>
E ₅	<i>“Sim, em todas as fases de nossas vidas é importante que se tenha uma rotina. Na educação das crianças não seria diferente. Através da rotina os pequenos aprendem a se situar, lidar com o tempo e regrinhas”.</i>
E ₆	<i>“Sim, através da rotina a criança passa a compreender as normas da sala e se sentem motivadas para aprender de forma agradável”.</i>
E ₇	<i>“Sim, pois transmite segurança a ela”.</i>
E ₈	<i>“Sim, pois, fará com que a criança se adapte mais rápido ao novo ambiente que está se inserindo”.</i>

Percebe-se que todas as entrevistadas afirmam que a rotina é importante para que a criança consiga melhor adaptação no ambiente escolar. Dessa forma, a rotina auxilia a criança nos seus primeiros momentos em sala de aula, pois, permite que a

mesma tenha noção das atividades que serão realizadas durante o seu dia, fazendo com que ela se sinta segura e confortável.

Dentro dessa rotina podem ser realizadas atividades que façam com que as crianças se adaptem mais rápido ao ambiente escolar. Com isso, a questão 5 indaga: **Que atividades de socialização você propõe com mais frequência para as crianças?** Respostas no quadro 6.

Quadro 6. Atividades de socialização propostas. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>“O espelho, onde os alunos ficam de frente um pro outro imitando os gestos feitos; encontro das vogais; jogo das quantidades, entre outros”.</i>
E ₂	<i>“Devocional; musicalização; teatro e outros”.</i>
E ₃	<i>“Conversas de roda; músicas educativas; interações nas brincadeiras dirigidas e livres”.</i>
E ₄	<i>“Várias, dentre elas: roda de conversa, como seu coleguinha está hoje: feliz? Triste? Vamos chamá-lo para brincar. A forma da organização das carteiras ajuda na socialização dos mesmos”.</i>
E ₅	<i>“As rodas de conversas, brincadeiras e musicalização”.</i>
E ₆	<i>“Roda de conversa com temas diversos”.</i>
E ₇	<i>“O devocional e a hora da rodinha, porque ali eles tanto brincam e cantam como também dialogam entre eles, sobre diversos assuntos dentro e fora de sala de aula”.</i>
E ₈	<i>“Brincadeiras de faz de conta”.</i>

Nota-se que há muitas maneiras de fazer com que as crianças socializem em sala de aula, e que cada professora propõe atividades diversificadas de socialização. No entanto, as rodas de conversa se destacam, pois, por ser um momento em que todos se dedicam a justamente relatar suas experiências do dia a dia fora da sala de aula, permite as crianças o conhecimento sobre o outro, e sobre vivências diferentes das suas, ajudando na aproximação dos mesmos.

Outro fator importante para que a adaptação das crianças aconteça de forma mais fácil nesse novo ambiente é o uso da didática. Então faz-se o questionamento de número 6: **Quais as estratégias/organização didática utilizadas por você (este ano) para a adaptação das crianças nos seus primeiros dias de aula?** Segue as respostas no quadro 7.

Quadro 7. Estratégias didáticas para facilitar a adaptação. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>"Dialogo e joguinhos".</i>
E ₂	<i>"A que eu mais usei foram as regrinhas da sala e as boas maneiras em cartazes, porque ali eles viam o que era certo e o que era errado, o que podia e o que não podia fazer em sala de aula, e também sabia a sequência de acontecimentos da rotina da sala".</i>
E ₃	<i>"Organização das mesmas da sala de aula em grupos; atividades coletivas; momentos para socialização sobre o dia de aula, entre outros".</i>
E ₄	<i>"Enfeitar a sala com balões, massa de modelar, vídeos e brinquedos".</i>
E ₅	<i>"Caracterização da vestimenta (alegre), lembrancinhas do 1º dia de aula. Recepção bem alegre, músicas divertidas, colorir desenhos. Demonstrando ser uma pessoa alegre para que a criança encontre confiança e assim pare o choro".</i>
E ₆	<i>"Enfeitar a sala com balões, blocos coloridos, brinquedos faz de conta e conversa sobre a escola".</i>
E ₇	<i>"Brincadeiras com blocos, desenhos, histórias e músicas".</i>
E ₈	<i>"Caracterização de um personagem infantil e uma aula lúdica e bem dinâmica fazendo com que a criança se socialize com todos as demais crianças em sala de aula".</i>

De acordo com a respostas, observa-se que existem muitas estratégias didáticas que facilitam a adaptação das crianças. Esse processo requer muita atenção e empenho do professor para que aconteça de forma natural e a criança não fique com traumas. Portanto, vale utilizar a criatividade nesses momentos e organizar aulas interessantes e divertidas, que fazem com que a criança apesar de estar assustada e ansiosa com a situação, se sinta confortável, despertando o interesse em participar das atividades e ficar no local.

Para que os professores utilizem novas metodologias e renovem suas práticas em sala de aula é necessário que esteja sempre se atualizando e buscando novos conhecimentos. Por isso, indaga-se na questão 7: **Tem participado de cursos de capacitação na área em que atua? Qual?** As respostas para esse questionamento estão no quadro 8.

Quadro 8. Participação em cursos de capacitação. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>"Pós graduação em Educação Infantil".</i>
E ₂	<i>"Não".</i>
E ₃	<i>"Sim, Ludicidade e Gêneros textuais, olhar sobre a prática docente; práticas educativas e pedagógicas nos diferentes saberes nas escolas do campo; corporeidade, psicomotricidade, Educação Infantil e prática pedagógica, entre outros".</i>
E ₄	<i>Sim, projeto voltado ao trânsito, feiras literárias sobre o livro infantil. Oficinas no PNAIC, entre outros".</i>
E ₅	<i>"Sim, PNAIC".</i>
E ₆	<i>"Sim, encontros pedagógicos e PNAIC".</i>
E ₇	<i>"Sim, PNAIC".</i>
E ₈	<i>"Sim, PNAIC".</i>

Esses cursos de capacitação são muito importantes, pois, sabe-se que é necessário que os professores estejam sempre atualizados e por dentro das mudanças que ocorrem no mundo nos dias atuais. Para que ele desempenhe um bom trabalho em sala de aula é necessário que esteja sempre buscando novos métodos de trabalho, de modo que alcance a todos os seus alunos.

Dessa forma, é notável que as entrevistadas buscam se aperfeiçoar em sua profissão, participando de formações continuadas e até mesmo cursos na área que atuam hoje em dia, no caso a Educação Infantil. Isso com certeza facilita o seu trabalho, trazendo benefícios para a aprendizagem das crianças.

Para encerrar as questões, foi pedido para que as professoras descrevessem um dia da rotina em uma turma de Educação Infantil, as respostas estão demonstradas no quadro 9.

Quadro 9. Descrição da rotina em uma turma de Educação Infantil. Fonte: Professoras da Educação Infantil, Itaituba-PA (2018).

Educadoras	Relatos das educadoras
E ₁	<i>“A rotina da turma do jardim II “B” é dividida em passos: 1º acolhida (devocional) músicas e nossos acordos. 2º atividade no caderno. 3º preparação para o lanche e intervalo. 4º brincadeiras dirigidas. 5º atividades no caderno. 6º preparação para a saída”.</i>
E ₂	<i>“1º passo: Devocional/musicalização e história 2º passo: atividades 3º passo: hora do lanche 4º passo: atividades e tarefa de casa 5º passo: brincadeiras e vídeos infantis”.</i>
E ₃	<i>“Acolhida e devocional Musicalização e histórias infantis Desenho dirigido (colorir) Lavar as mãos e lanchar Brincadeiras livres/ atividade de recorte e colagem Contar e registrar os numerais Preparação para a saída”.</i>
E ₄	<i>“Acolhida e devocional; história infantil; atividade pontilhada; lanche; vídeo infantil; atividade de casa”.</i>
E ₅	<i>“Acolhida; devocional; história; música; atividade lúdica; lanche; desenhos ou blocos”.</i>
E ₆	<i>“Acolhida; devocional; atividades educativas; recreio; hora da brincadeira”.</i>
E ₇	<i>“Acolhida; conversa informal; hora da história; atividade escrita (1); música, lavar as mãos e lanche; atividade escrita (2); brincadeiras (faz de conta); saída”.</i>
E ₈	<i>“Acolhida e devocional com histórias; visualização do calendário e das regrinhas da sala e janela do tempo; atividades e lanche; recreio; recreação; atividades e cineminha com desenhos variados; danças e músicas diversas e tarefa de casa”.</i>

Observa-se a partir dos relatos das professoras que o tempo em sala de aula pode ser bem aproveitado, distribuído entre acolhida, atividades e brincadeiras

diversas. Todas essas atividades são importantes para que a criança se desenvolva em todos os campos da sua vida e direito das mesmas.

Todas essas práticas fazem com que a educação de fato seja efetuada dentro das salas de Educação Infantil. Além disso, em se tratando do processo de adaptação das crianças, atividades simples podem fazer toda diferença nesse momento tão importante da vida das crianças. A rotina tem papel fundamental, tendo em vista que a criança passa a se sentir confortável a partir do momento em que se sente sujeito participante nas decisões das práticas que virá a realizar durante o seu dia na escola.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A partir das observações feitas durante a realização da pesquisa foi possível perceber que as atividades que as professoras da escola realizam, auxiliam e possuem grande relevância no processo de adaptação das crianças. Por isso, é importante que todas essas atividades continuem sendo realizadas, e que a forma como esses profissionais atuam seja mantida, pois está gerando um resultado positivo nesse processo.

Além disso, novas práticas podem ser inseridas para que esse trabalho seja melhorado, organizar os espaços, e fazer com que a sala se torne um ambiente favorável é um exemplo. Uma opção é utilizar cartazes chamativos, que despertem na criança o interesse em ficar na sala. Os brinquedos que serão cedidos às crianças também precisam ser interessantes, além disso, deixar que elas escolham os objetos que irão brincar é muito importante, pois isso fará com que a mesma se sinta mais à vontade.

Outro fator que auxilia nesse processo é a rotina, como já muito citado, a rotina possui papel fundamental na adaptação das crianças, e é necessário que as professoras a utilizem como ferramenta. A rotina traz muitos benefícios para a adaptação das crianças na educação infantil. Quando a criança entende essa rotina e participa da construção da mesma ela se sente segura nesse novo ambiente, se inteirando e envolvendo no dia a dia da escola que será também o seu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu conhecer e analisar teorias que abordam o contexto dos desafios dos profissionais da Educação Infantil frente ao acolhimento e adaptação das crianças participantes dessa modalidade de ensino. Foi possível através da pesquisa conhecer as mudanças pelas quais o conceito de criança e infância passou ao longo da história, notando a maneira com que cada sociedade a via, assim como informações também a respeito da história da Educação Infantil, e da sua importância na formação do indivíduo. Além disso, foram mencionadas algumas leis que regem essa modalidade, e asseguram os direitos das crianças.

No decorrer do trabalho, analisou-se o acolhimento e adaptação das crianças na Educação Infantil, notando a importância de se elaborar práticas que facilitem esse processo, desse modo utiliza-se a rotina como elemento essencial para que assim, a criança possa estabelecer uma relação de confiança e conforto com o ambiente, com os profissionais e seus colegas. No entanto, nada disso gera resultados se a família não estiver presente e disposto a colaborar com a vivência de seu filho na escola. Assim a tão falada parceria entre família e escola é essencial para a efetuação da aprendizagem.

Desse modo, notou-se que a escola em que foi realizada a pesquisa de campo não possui estrutura física adequada para atender as necessidades das crianças, porém o corpo docente com os demais profissionais desenvolve um trabalho de qualidade, procurando amenizar esse desfalque. Por isso, há uma dificuldade maior no processo de adaptação das crianças ao ambiente escolar, por ser uma escola que atende a demais modalidades de ensino, não tem estrutura adaptada para os alunos na Educação Infantil, fazendo assim com que a inserção seja prolongada.

Apesar desses obstáculos o esforço em desempenhar um bom trabalho é notável, e todos os profissionais possuem perfil satisfatório para atuar nessa modalidade, pois, são profissionais capacitados e qualificados para desempenhar bem a sua função, além disso, são afetivos e atenciosos, item que conta muito no trabalho com as crianças. As professoras fazem uso de métodos como a rotina, que passa segurança tanto para o profissional quanto para o aluno, desse modo ambos saem ganhando.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ANDRADE, Maria Inaúria Ferreira de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. Natal: Virtual Books, 2016. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2569/6/OProcessoDeAdapta%C3%A7%C3%A3oEAcolhimento_Artigo_2016.pdf> Acesso em: 14 de Jun 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche**: entre o proposto e o vivido. Florianópolis: UFSC, 1998.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BIBIANO, Bianca. Na rotina planejada, o espaço para aprender. **Nova Escola**, São Paulo, n. 242. Maio 2011.

BILÓRIA, J. F; METZNER, A. C. A importância da rotina na Educação Infantil. **Revista Fafibe On-Line**, SP, ano VI, n. 6, p. 1-7, nov. 2013. Disp. em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/.pdf>> Acesso em: 16 Jun 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília DF: Ministério da Educação. 3º versão. 2017. Disp. em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCCversaofinal.pdf>. Acesso em: 09 Abr 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constituicaocompilado.htm>> Acesso em: 07 Abr 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: <<http://www.febem.sp.gov.br/files/pdf/eca.pdf>> Acesso em: 07 Abr 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. DO. Brasília, 1996. Disp. em: < http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases1ed.pdf> Ac. em: 07 Abr 2018.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Volume 1. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> Acesso em: 14 Set 2018.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disp. em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em: 08 Abr 2018.

BRASIL. **Subsídios Para Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Básica**. DCNEEI. MEC/SEB, 2009. Disp. em: [http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Subsidios%20Diretrizes%20Educa%3%A7%C3%A3o%20Infantil%20\(MEC\).pdf](http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Subsidios%20Diretrizes%20Educa%3%A7%C3%A3o%20Infantil%20(MEC).pdf) Acesso em: 25 Ago 2018.

CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de; ORTIZ, Cisele. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012.

CAVALCANTE, Luciana Matias; SILVA, Maria de Lourdes Garcêz da. **Relação família/escola: as contribuições da família no processo pedagógico vivido na educação infantil**. Paraíba: Realize, 2012. Disp. em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/7521662baf0ae9d3a041718d472f1c8b_1822.pdf. Acesso em: 14 Set 2018.

CORDIOLLI, Marcos. **Sistemas de ensino e políticas educacionais no Brasil**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

FRONER, Emanuelle; SUDBRACK, Edite Maria. **Educação Infantil: direito ou obrigação? : reflexos da Lei 12. 796/2013**. São Paulo: Mercado de Letras, 2017.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, ano 7, n. 1, 1º semestre de 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>> Acesso em: 07 Abr 2018.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

KIRCHOF, Edgar Roberto; PEREIRA, Mara Elisa Matos; SOUZA, Luana Soares de. **Literatura Infantojuvenil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

KUHLMANN Jr, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KUHNEN, Ariane; RAYMUNDO, Luana dos Santos; GUIMARÃES, Ana Maria Fernandes; SANTOS, Gláucia Felicidade dos. **A linguagem do espaço físico na Educação Infantil**. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n.35, ago/dez. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n35/n35a08.pdf>> Acesso em: 08 Abr 2018.

LUZ, Iza Rodrigues da. **Agressividade na primeira infância: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche**. São Paulo: Cortez, 2008.

MAGALHÃES, Cassiana; GIROTTI, Cyntia Guizelim Simões; SILVA, Greice Ferreira da; MELLO, Suely Amaral. Planejando a ação docente para o máximo desenvolvimento na infância. In: COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores**. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2017.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. Campinas: **Revista HISTEDBR On-line**, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124>. Acesso em: 25/03/2018.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. 2.ed. Curitiba: Ibpx, 2011.

RETO, Lidiane de Castro; SANTOS, Sonia Regina Mendes dos. **Formação do professor de Educação Infantil no Município do Rio de Janeiro: cenário e diálogo com os saberes**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16999_9861.pdf Acesso em: 06 Set 2018.

SANTOS, Luana Rocha dos; Toniosso, José Pedro. A importância da relação escola-família. São Paulo: **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, 2014.

SILVA, Isabel de Oliveira e. **Educação infantil o coração da cidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Greice Ferreira da. A participação das crianças na organização da rotina. In: COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores**. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2017.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. **Fundamentos da Educação Infantil**. 2. Ed. Curitiba: IESDE, 2009.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar**. Paraná: UENP, 2009. Disp. em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf> Acesso em: 06 Set 2018.

ULBRA, Universidade Luterana do Brasil. **Fundamentos teóricos e metodológicos da educação infantil**. Curitiba: Ibpx, 2008.

**APÊNDICE A –
ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA AS EDUCADORAS**

FAI- FACULDADE DE ITAITUBA

ACADÊMICA: **DAYANE**

TEMA: **ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Os desafios dos professores da EMEIF Engº Francisco Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

IDENTIFICAÇÃO:

a) Curso de Formação:

Pedagogia: () Sim () Não.

Concluente: () Sim () Não

b) Outra formação: Qual? _____

c) Pós-graduação: _____

d) Há quanto tempo trabalha com Educação Infantil: _____ anos.

e) O que você mais gosta no seu trabalho com crianças pequenas?

f) E do que menos gosta?

g) Como descreveria o grupo de crianças com o qual trabalha?

QUESTÕES DA PRÁTICA:

1. A organização do tempo constitui um dos maiores desafios para proporcionar à criança cuidados e educação de qualidade, por isso é fundamental planejar a rotina na pré-escola. Assim, questiono: como você distribui o tempo entre as atividades escolares? Esse tempo é suficiente?

2. A atividade lúdica na Educação Infantil é uma opção didático metodológica para melhor eficácia da aprendizagem das crianças e não com um mero passatempo. **Dê sua opinião sobre essa afirmativa.**

3. Em sua opinião, qual objetivo da Educação Infantil?

4. Você acredita que a rotina na educação das crianças é fundamental para sua adaptação ao ambiente escolar?

5. Que atividades de socialização você propõe com mais frequência para as crianças?

6. Quais as estratégias/organização didática utilizadas por você (este ano) para a adaptação das crianças nos seus primeiros dias de aula?

7. Tem participado de cursos de capacitação na área em que atua? Quais?

8. Descreva um dia da rotina em turma de educação infantil.

Agradecemos sua colaboração!

APÊNDICE B –
FOTOS DA PESQUISA REALIZADA



Figura 1- Entrada da Escola Engº Francisco Barros.



Figura 2- Momento da roda de conversa com os alunos do Maternal III "C".



Figura 3- Brincadeiras de roda com a professora e alunos do Maternal III “C”.



Figura 4 – Alunos do Jardim II “C” conhecendo as dependências da escola.



Figura 5 – Alunos do Maternal III “D” brincando com alinhavos.



Figura 6 – Alunos do Jardim I “B” em estudo dirigido.